

OS ARQUIVOS PERDIDOS

OS ÚLTIMOS DIAS DE LORIEN



PITTACUS LORE

AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
OS ÚLTIMOS DIAS DE LORIEN

OS LEGADOS  DE LORIEN

TRADUÇÃO DE MARIANA SERPA VOLLMER





CAPÍTULO

UM

Este é Lorien. Aqui é “perfeito”. Pelo menos, é o que dizem.

Talvez estejam certos. Ao longo dos anos, o Gabinete de Exploração Interplanetária de Lorien tem enviado missões de reconhecimento a quase todos os planetas habitáveis ao nosso redor, e todos parecem terríveis.

Um exemplo é o planeta chamado Terra: é poluído, superpovoado e, embora já seja muito quente, a cada dia a temperatura sobe mais. Pelo que os mensageiros contam, todos são infelizes lá. Os terráqueos gastam um tempo enorme tentando matar uns aos outros sem motivo algum; o restante da vida eles passam tentando não serem mortos.

Basta dar uma olhada em alguns livros de história terráqueos — temos vários disponíveis no Grande Depósito de Informações de Lorien — para descobrir que é uma guerra inútil atrás da outra. É tipo... *Terráqueos, seus idiotas, parem com isso!*

A questão é que, com exceção de Lorien, a Terra é mais ou menos o melhor lugar que existe disponível. Não vou nem me dar o trabalho de mencionar Mogadore. Um lixão.

Aqui em Lorien não acontecem guerras. Nunca. O clima é sempre perfeito, e os ecossistemas são tão variados que é possível encontrar um lugar ideal para cada pessoa. A maior parte do planeta é composta de florestas virgens, praias maravilhosas, montanhas com vistas inacreditáveis. Mesmo nas poucas cidades que temos, há bastante espaço para circular e nenhum crime é cometido.

As pessoas nem discutem muito.

Que motivo há para discutir? O lugar é perfeito, então é claro que todos são felizes. Tipo, o tempo inteiro. Você caminha pelas

ruas da Capital e vê todo mundo sorrindo, feito um bando de zumbis alegres.

Mas a perfeição não existe, não é? E, mesmo que exista, eu preciso admitir: “perfeição” é muito entediante.

Odeio tédio. Sempre me esforço ao máximo para encontrar as imperfeições. A diversão costuma estar lá.

No entanto, pensando bem, na opinião de muita gente — e meus pais estão no topo dessa lista — *eu* sou a maior imperfeição de todas.

Isso é extremamente *não Lórico*.

A Chimæra estava lotada na noite em que tudo começou a me afetar. A música tocava muito alta, o ar estava úmido de tanto suor, e — surpresa! — todos estavam felizes e sorridentes, rodopiando, pulando e esbarrando uns nos outros.

Nessa noite, eu também estava feliz. Dancei por horas, quase o tempo todo sozinho. Mas de vez em quando topava com alguma garota, e acabávamos dançando juntos por alguns minutos, ambos sorridentes, alegres e sem levar nada muito a sério, até que um dos dois se deixava envolver pela música e saía dançando para longe. Nada de mais.

Ok, acabou que a noite estava sendo ótima.

Já era quase de manhã quando eu, sem fôlego e precisando de um descanso depois de horas me balançando sem parar, enfim desabei em uma fileira de colunas na lateral da pista de dança. Quando olhei para cima, me vi ao lado de Paxton e Teev. Não os conhecia muito bem, mas eles eram frequentadores assíduos da Chimæra, e eu já tinha ido lá o bastante para que fôssemos apresentados algumas vezes.

— Ei — eu cumprimentei, acenando com a cabeça, sem saber ao certo se eles se lembravam de mim.

— Sandor, meu garoto — Paxton disse, me dando um tapinha no ombro. — Já não passou da sua hora de dormir?

Eu deveria ter me irritado por ele estar me zombando, mas, em vez disso, apenas fiquei feliz por ele ter se lembrado de mim. Paxton achava engraçado que eu sempre conseguisse dar um jeito de entrar, embora tecnicamente ainda fosse muito jovem.

Nunca entendi qual era o problema em ser menor de idade — a Chimæra era apenas um lugar para dançar e ouvir música. Mas, em Lorien, regras são regras.

Paxton era só alguns anos mais velho do que eu e estudava na Universidade de Lorien. Sua namorada, Teev, trabalhava em uma boutique em Crescente Leste. Pelo que eu podia perceber, os dois levavam o tipo de vida que eu não me importaria em ter algum dia. Ficavam nos cafés durante o dia, dançavam em lugares como a Chimæra a noite inteira, e nenhum dos dois aborrecia o outro com absolutamente nada.

Faltava pouco tempo. Mas eu me sentia como se já tivesse esperado a vida inteira. Estava cansado de ser adolescente, cansado de ir à escola, obedecer aos professores e seguir as regras de meus pais. Em breve, não teria mais que fingir ser adulto. Eu simplesmente *seria*, e poderia viver do jeito que bem entendesse.

Por enquanto, a Chimæra era o único lugar onde eu de fato podia ser eu mesmo. Ali todos eram um pouco parecidos comigo, na verdade. Usavam roupas estranhas, tinham cabelos esquisitos; cada um fazia o que queria. Mesmo em um planeta como Lorien, algumas pessoas não se adaptam *completamente*. Essas pessoas frequentavam lugares como aquele.

Às vezes — nem sempre, mas às vezes — até se via alguém de cara fechada. Não porque estava triste ou coisa do tipo. Mas só por diversão. Só para ver como era, eu acho.

Teev me olhava com uma expressão bem-humorada, e Paxton apontou para meu bracelete de identificação.

— Essas coisas não deveriam ser à prova de fraudes? — ele perguntou, com um sorrisinho sarcástico. — Toda vez que nos encontramos, você descobre um jeito novo de entrar pela porta da frente.

Os portões da Chimæra escaneavam todos os clientes logo na chegada, em geral para barrar a entrada de lorienos menores de idade como eu. Antigamente, eu passava sorrateiro pela entrada dos fundos ou me espremia pela porta, no meio da multidão, sem ser notado. Naquela noite, no entanto, decidi ir um pouco mais longe e alterei a idade em meu bracelete de identificação, para que

a máquina pensasse que eu era mais velho. Eu estava de fato muito orgulhoso de mim mesmo, mas não pretendia revelar todos os meus segredos. Em resposta a Paxton, apenas dei de ombros, dissimulado.

— Esse sou eu. Sandor, Mago da Tecnologia e Mestre do Mistério — disse.

— Deixe o escâner da porta para lá, Paxton — Teev disse. — E o Registro Absência na escola dele? Você *ainda* vai à escola, certo? É melhor correr, ou vai acabar sendo pego. Já está ficando tarde.

— Você quer dizer *cedo* — eu a corrigi.

O sol estava prestes a nascer. Mas ela estava certa. Ou melhor, *estaria* certa.

Teev tinha uma pinta em cima do lábio e um sinal de nascença de cor escarlate no alto da bochecha que se estendia até altura do cabelo. Uma fina linha tatuada contornava a pinta e terminava em uma flecha apontando para o sinal de nascença. Ela era baixinha, bonitinha e cultivava certa excentricidade. Era autêntica e não escondia isso. Eu admirava isso nela.

Fiquei tentado a contar como havia conseguido contornar a questão do Registro Absência. Na verdade, foi um problema mais fácil de resolver do que o escâner na porta — ou talvez eu simplesmente fosse muito bom mesmo. Só precisei pegar o bracelete de identificação de meu amigo Rax e inserir nela uma cópia de minha própria bioassinatura digital. A partir daí, toda vez que matasse aula, o registro de classe me registraria como “presente” sempre que Rax estivesse lá.

Descobri esse truque depois que me meti em umas encrencas alguns meses atrás e fui forçado a cumprir um período de detenção trabalhando na secretaria da escola. Lá, descobri a falha no sistema do Registro Absência: ele não pegava redundâncias. Então, quando Rax e eu comparecêsemos *juntos* à aula, não haveria sinais de alerta. Era perfeito.

— Não posso revelar meus segredos — afirmei com um sorrisinho.

— Esse garoto é bacana — Paxton respondeu, com uma admiração que se transformava levemente em desdém.

Fiquei ruborizado.

— Valeu — agradei, tentando agir como se não me importasse muito.

Mas, antes que pudesse pensar em qualquer outra coisa para dizer, congelei. Na entrada da boate, vi alguém que conhecia. E alguém que eu *não queria* conhecer.

Era Endym, meu professor de culturas interplanetárias na Escola de Lorien.

Ok, Endym em geral era um cara bem legal, provavelmente o único professor de quem eu realmente gostava. Porém, bacana ou não, se me visse ali na boate, menor de idade e sem planos de chegar à escola a tempo, não teria outra escolha senão me entregar.

Dei um sorriso sem graça para o casal.

— Teev, Paxton, foi um prazer — eu disse, acenando discretamente e me enfiando em um grupo de pessoas que dançavam, tentando sair do campo de visão de Endym.

Protegido pela multidão, eu me virei para trás, espiei a entrada e vi Endym se aproximar de um dos vendedores da boate. Pegou uma ampola e virou-a na boca, os olhos examinando a boate, e deu um passo à frente em direção à pista de dança. Eu tive certeza de que não me vira — ainda —, mas ele vinha caminhando bem em minha direção.

Droga. Eu me esquivei para trás de uma coluna para fugir de seu campo de visão.

A Chimæra era um lugar grande, mas não o bastante. Se eu permanecesse lá, passaria o tempo inteiro tentando evitá-lo — e mesmo assim tinha poucas chances de não ser visto.

Eu precisava sair e aproveitar a oportunidade, enquanto Endym estava distraído. Ele havia acabado de puxar conversa com uma mulher no meio da pista de dança e flertava de maneira ousada enquanto ela dançava. Revirei os olhos. Ver meu professor na Chimæra subitamente tornava o lugar menos descolado.

A única saída era me infiltrar nos bastidores. Eu nunca estive no camarim sob o palco, mas os artistas tinham que sair de algum lugar. O único problema era que Endym tinha conseguido se

posicionar no pior lugar possível para mim: eu teria que passar por ele para chegar à entrada, e ele também tinha visão direta da escadaria dos fundos.

Vasculhei o local, tentando não me exaltar muito para não chamar a atenção, na esperança de encontrar uma solução para meu impasse. Então, percebi, assim que os avistei ainda a poucos passos de mim: Teev e Paxton. Eles poderiam me ajudar. Pelo menos, eu esperava que pudessem.

— O que vocês diriam — perguntei, me aproximando novamente dos dois com meu sorriso conspiratório estampado no rosto — se eu contasse que aquele cara ali é meu professor?

O casal olhou para Endym e depois para mim.

— Acho que eu diria que este lugar está ficando cada vez mais decadente — Teev respondeu. — Agora estão deixando *professores* entrarem?

— Que azar, meu garoto. — Paxton deu uma risada. — Tanto trabalho para entrar e agora vai ser pego.

— Vamos lá, cara. Não ria. Que tal se vocês me ajudassem? — Os dois trocaram olhares, descrentes, e eu encolhi os ombros, envergonhado. — Por favor...

Teev jogou os cabelos e revirou os olhos de um jeito amável.

— Está bem. Você conseguiu, amiguinho — disse, com um tapinha em meu rosto. Foi meio humilhante, mas o que eu podia fazer? — Cuidaremos de você — ela prometeu. — Vamos tirar você daqui.

Observei por um segundo Teev e Paxton se aproximarem de Endym e da mulher com quem dançava e se meterem entre o casal. Teev puxou meu professor para dançar; Paxton começou a dançar com a mulher.

Quando eu tive certeza de que os dois haviam fisgado Endym, agarrei a oportunidade. Passei pela multidão, com a cabeça baixa para não ser visto.

Estava quase conseguindo, quando alguém gritou para mim:

— Ei!

Olhei para trás, perplexo, e vi o rosto nervoso de um sujeito que avançava em minha direção. Por acidente, havia chutado a

ampola do cara enquanto abria caminho para passar, e ele não estava nada contente.

A última coisa de que eu precisava era ser pego em uma briga bem no meio da pista de dança. Acelerei, corri até a beira do palco, onde tateei o canto escuro e encontrei uma portinha.

É claro que estava trancada.

— Ei! Você! — gritou o cara cuja bebida eu derramara. Estava cada vez mais perto. — Você vai me pagar outra!

Chacoalhei a maçaneta furiosamente. Quando vi que não cedia, desisti de tentar manter a calma e me joguei contra a porta, esperando que com força suficiente — e um pouco de sorte — ela abrisse.

O sujeito estava cada vez mais próximo, ainda gritando. Que idiota... fazendo uma cena dessas por causa de uma bebida? Todas as cabeças do lugar estavam viradas para mim. Eu seria pego a qualquer instante.

Mais uma tentativa. Com toda a força, joguei o corpo contra a portinhola.

Dessa vez, ela cedeu.

CAPÍTULO

DOIS

Com a força de meu peso, adentrei o cômodo rolando às cegas. Tropecei no chão e me espatifei sobre camadas e mais camadas de tecido. Tropecei e caí, e minha cabeça bateu no chão com um estalo.

Então, escutei uma voz. Uma voz *feminina*.

— *Isso* foi engraçado.

Deitado no chão, percebi que havia desabado em uma prateleira de roupas. Roupas femininas. Agora, estava caído em cima de uma pilha. Parecia ter sido atingido por uma explosão de pedrinhas e lantejoulas.

De pé ao meu lado, um sujeito de calças pretas metalizadas e camisa sem gola tentava de todas as formas trancar a porta por onde eu acabara de me jogar.

— Muito engraçado — o homem disse com sarcasmo. — Adoro ver pirralhos insignificantes invadindo o camarim.

Eu me levantei envergonhado e tentei recolher a pilha de vestidos que havia derrubado. Realmente não era assim que imaginava que minha noite seria.

— Muito. Muito. *Engraçado*.

Eu me virei e vi uma garota de cabelo bem branco sentada em um banquinho baixo no canto do cômodo. Usava shorts minúsculos e estava agachada. Desenhava na própria pele com uma espécie de caneta de maquiagem, marcando as panturrilhas expostas com um elaborado padrão de arabescos e espirais.

— Não — eu disse.

Talvez eu devesse ter pedido desculpas. Ou pelo menos me explicado. Mas não consegui. Estava muito chocado. Só consegui dizer “não”.

— Ah, *sim* — ela retrucou, ainda rabiscando a própria perna.

Inclinou-se mais para perto do traçado serpenteado, fez um biquinho e soprou a panturrilha de cima e a baixo, para secar a tinta.

Não podia ser. Mas *era*.

Era Devektra.

A maioria das pessoas em Lorien talvez não fizesse ideia de quem ela era. Mas não sou como a maioria das pessoas, e há meses venho escutando as músicas de Devektra. Para os entendidos, ela era *a* artista mais aclamada pela Garde de Lorien. Com uma beleza estonteante, letras sábias-demais-para-sua-idade — porque ela mesma era muito nova, só um pouquinho mais velha do que eu — e o Legado incomum de criar luzes ofuscantes e hipnóticas durante as apresentações, era mais do que garantido que ela se tornaria uma grande estrela em breve. Já estava no caminho certo.

— O que foi? Nunca viu uma garota maquiando as pernas? — ela perguntou, com uma piscadela.

Tentei me recompor.

— Você deve ser a artista surpresa — consegui dizer enfim, tropeçando em praticamente todas as palavras. — Eu, é... sou... um grande fã — disse, encolhido; fiquei parecendo um completo idiota.

Devektra examinou as pernas, então se levantou e olhou para mim, como se não soubesse ficava irritada ou ria. Enfim, optou pelo meio-termo.

— Obrigada — disse. — Mas, sabe, essa porta fica trancada por uma razão: manter os grandes fãs *do lado de fora*.

Com um passo à frente, ela jogou teatralmente os braços ao redor de meus ombros e puxou minha orelha para perto de sua boca.

— Você vai me contar o que está fazendo no meu camarim? — sussurrou. — Não preciso chamar a segurança, preciso?

— É... — gaguejei. — Bem, veja bem, é mais ou menos... — Revirei meu cérebro em busca de uma explicação, mas não consegui encontrar nenhuma. Acho que sou muito melhor como

hacker do que conversando com garotas. Sobretudo as famosas e atraentes.

Devektra recuou e me olhou de cima a baixo com um brilho malicioso nos olhos.

— Sabe o que eu acho, Mirkl? — perguntou.

— O quê? — o cara, de quem eu quase havia me esquecido, perguntou com uma voz entediada; honestamente, ele parecia meio de saco cheio de Devektra.

— *Eu acho* — ela disse devagar —, que esse rapazinho é *muito* jovem para estar aqui. Me parece que estava prestes a ser expulso por ser menor de idade e se enfiou aqui procurando um esconderijo. Temos um infrator em nossas mãos. E você sabe o que eu penso dos infratores...

Olhei para baixo. Agora, eu *definitivamente* estava frito. Não seria a primeira vez que me metia em apuros por algo desse tipo. Ou a segunda. Dessa vez, no entanto, as consequências sem dúvida seriam muito graves.

Mas Devektra me surpreendeu.

Um sorriso largo se abriu em seu rosto, e ela começou a dar umas risadinhas. Eu estava começando a suspeitar que a garota era meio louca.

— Eu adoro! — ela exclamou. Cerrou os olhos e sacudiu o dedo para mim, me repreendendo. Suas unhas brilhavam com todas as cores do arco-íris. — Que Cepanzinho atrevido.

Pela segunda vez em apenas alguns segundos, ela me surpreendeu.

— Como você sabe que sou um Cêpan? — perguntei.

Como a maioria das figuras públicas de Lorien — atletas, artistas, soldados —, Devektra era uma Garde. Eu era um Cêpan. Um grupo seletivo de Cêpans era Mentor, educador da Garde, mas a maioria de nós era burocrata, professor, empresário, comerciante, lavrador. Eu não sabia ao certo o que seria depois de terminar a escola, mas achava que nenhuma das minhas opções parecia maravilhosa. Por que eu não havia nascido um Garde, para poder fazer algo realmente *divertido* com meu tempo?

— Meu terceiro Legado — Devektra disse, com um sorrisinho. — O mais sacal, que nem gosto de mencionar. Eu *sempre* consigo distinguir um Garde de um Cêpan.

Como todos os Gardes, Devektra possuía o poder da telecinesia. Ela também tinha a capacidade de direcionar e manipular ondas de luz e som, habilidades que usava em suas apresentações e que a haviam transformado na estrela que era. Esse já era um poder bem raro, mas o que ela acabara de mencionar, ser capaz de notar a diferença entre Gardes e Cêpans, era um Legado do qual eu jamais tinha ouvido falar.

Por algum motivo, eu me senti constrangido. Não sei bem por que — não há nada de errado em ser um Cêpan, e, embora sempre achasse que parecia muito mais *divertido* ser um Garde, nunca me senti inseguro em relação a quem eu era.

Em primeiro lugar, não costumava ser um sujeito inseguro. Em segundo, simplesmente não era assim que as coisas funcionavam ali. Embora os Gardes fossem venerados como um todo — como uma “dádiva valiosa” para nosso planeta —, havia uma crença difundida e compartilhada por Gardes e Cêpans de que os incríveis dons dos Gardes não pertenciam somente a eles, mas a *todos* nós.

Entretanto, frente a frente com a garota mais bonita que eu já tinha visto, uma garota prestes a entrar no palco e demonstrar seus incríveis talentos para todo o público da Chimæra, de repente me senti muito *mediocre*. E ela percebeu isso. Ela era Devektra, *a* Devektra, e eu era só um Cêpan idiota e menor de idade, sem nada a oferecer. Sequer sabia por que ela estava perdendo tempo comigo.

Eu me virei para sair. Aquilo tudo era inútil. Mas Devektra me segurou pelo cotovelo.

— Ah, anime-se — ela disse. — Não me importo que seja um Cêpan. Pelos Anciões! Estou brincando. Que terceiro legado mais *chato* seria esse. Meu *verdadeiro* terceiro Legado é muito mais legal.

— E qual é? — perguntei, desconfiado.

Começava a sentir que Devektra estava me enlouquecendo.

Os olhos dela brilharam.

— Não é óbvio? Eu faço os homens se apaixonarem por mim.

Dessa vez, eu sabia que ela estava brincando comigo. Ao perceber de repente a verdade, corei.

— Você lê pensamentos — eu disse.

Devektra sorriu, impressionada, e se inclinou na direção de Mirkl, que não parecia nada satisfeito.

— Mirkl — ela disse —, acho que ele está começando a entender.



Meia hora depois, eu estava no mezanino, observando a boate e assistindo à apresentação de Devektra. Ela era melhor do que eu imaginava. Fiquei encantado.

Ela cantava com paixão, cheia de melodia, mas, ainda que fosse conhecida pelas letras de suas canções, eu mal conseguia escutar as palavras. Ela também dançava, e muito bem, mas essa tampouco era a atração principal. E, ainda que fosse a garota mais estonteante que meus olhos já tinham visto, também não era isso.

Tudo perdia a cor diante do que ela fazia com seus Legados.

Ela acenava e modulava a textura da voz, produzindo uma afinação misteriosa. Movimentava o pulso e subia dramaticamente o tom; até direcionava e ajustava o volume, de modo que os espectadores ao fundo fossem impactados pelo som, enquanto o pessoal da frente ouvia apenas um leve vibrar. Com a outra mão, manipulava o sistema de iluminação do local, que já era sofisticado, inclinando os feixes multicoloridos em um refinado e deslumbrante contraste aos sons que saíam de sua boca.

Eu fui arrebatado. Já tinha ouvido falar de suas apresentações, mas o que ela estava fazendo era impossível. Existem coisas que precisamos ver com os próprios olhos.

O show estava quase acabando. Fiquei tão absorto observando Devektra de meu lugar exclusivo no balcão VIP, que as horas passaram como se fossem minutos. Quando a música começou a

ficar mais lenta, adquirindo um tom melancólico, e as luzes passaram de explosões de rosa e laranja a longas e sinuosas ondas de roxo e verde, soube que estava chegando ao fim.

Ela segurou as notas finais da canção em um tom suave. Sua mão esquerda se retorcia suavemente, afagando o ar e o som rodopiando pela plateia.

Então, sua voz se elevou a um urro. O som atingiu meu peito de forma tão intensa, que senti que poderia surgir um buraco. Então, de súbito, ela bateu os punhos um no outro, e as luzes da boate irromperam em uma explosão arrebatadora, enquanto o som desapareceu como se sugado do ambiente por um vácuo.

Cambaleei em direção à grade, cego.

Conforme fui, vagorosamente, recuperando a visão, vi abaixo de mim a plateia tonta e estupefata. Como eu, estavam todos atordoados porém satisfeitos.

— Foi incrível — sussurrei, enfim conseguindo falar.

Mas, quando me virei, Mirkl, que assistira ao show comigo sem proferir uma palavra, já havia ido embora.

Quando olhei novamente para o palco e para a pista de dança, vi Devektra já no meio do caminho até a porta principal, e Mirkl e o resto da equipe a seguiam em silêncio. Estavam indo embora.

Ela havia mencionado que todos iriam a outra boate, chamada Kora, para uma festa pós-show. Naquele instante, pensei que a menção fosse um convite, mas parecia que Devektra estava indo embora sem me dar atenção.

Disparei pelas escadas, passei pelo salão, abrindo caminho pela multidão, desesperado para não perdê-la. Forcei a passagem, me espremendo por entre as pessoas. Ouvi alguns xingamentos no caminho, mas já não me importava com nada a não ser encontrar Devektra.

Finalmente a avistei quando cheguei à entrada. Ela estava do lado de fora da Chimæra com sua equipe. Quando se virou em direção à boate, me viu e me lançou um sorriso misterioso. Não entendi o que significava, mas sabia que precisava descobrir.

— Com licença — pedi empurrando um casal e dando os últimos passos apressados para alcançar a porta.

— Sandor. — Meu coração disparou quando senti alguém agarrar meu braço. Eu conhecia aquela voz. Não havia sentido em tentar fugir. Era Endym. — *Achei* que tinha visto você mais cedo.

— Que show incrível, não é? — comentei, rezando para que Endym fizesse vista grossa. Afinal, ele também estava aqui e parecia ter tomado algumas ampolas a mais desde a última vez que eu o vira.

— Incrível — ele respondeu. — O melhor que já vi.

— Então — continuei, sem perder as esperanças —, alguma chance de esquecermos que você me viu aqui?

Endym sorriu para mim.

— Absolutamente nenhuma.

CAPÍTULO

TRÊS

— Se não estivesse tão decepcionada, teria ficado impressionada.
— A diretora Osaria folheou uns papéis em sua mesa com o resumo das minhas infrações e prosseguiu lendo as acusações. — Acusação: adulteração do Registro Absência. Punição sugerida: expulsão. Acusação: mais de dez faltas por semestre. Punição sugerida: expulsão. — Ela olhou para mim. — Dez é apenas uma estimativa, claro. Ainda examinaremos os arquivos do Registro para fazer um cálculo preciso de quantas aulas você faltou.

— Por volta de dez mesmo — admiti.

— É melhor que você não esteja sendo sarcástico — meu pai retrucou, com a voz cansada, pelo monitor na parede do escritório de Osaria, onde a imagem de seu rosto era transmitida com ruído. Minha mãe estava sentada a seu lado, em silêncio. Eles estavam na casa de praia em Deloon e não podiam perder seu tempo precioso fazendo uma viagem de duas horas até a Capital para testemunhar pessoalmente minha expulsão.

— O que isso significa? — minha mãe perguntou. Como se não soubesse. Eu já havia sido avisado antes. Matar aulas e entrar na Chimæra às escondidas era uma coisa — mas aquilo passava todos os limites.

Osaria girou na cadeira para encarar a tela.

— Isso significa que estamos de mãos atadas. Se fosse apenas uma das acusações, talvez eu pudesse exercitar minha discrição e amenizar a punição. — Ela franziu o cenho profundamente. — Mas, além das regras que infringiu na escola, ele também adulterou a identificação para entrar na Chimæra. Não tenho escolha.

— Ah, não. — Minha mãe gemeu; parecia prestes a chorar.

— Você está surpresa com isso?! — Meu pai estava ficando vermelho, quase tão bravo com minha mãe quanto estava comigo. — Ele sempre foi assim.

E era verdade. Sempre fui um infrator, sempre dava um jeito de me meter em encrenca. Isso não me envergonhava; eu *gostava* disso em mim. Mas as pessoas ao meu redor tendiam a ficar desconcertadas. Lorien era um planeta feliz e próspero, onde as leis eram respeitadas. O fato de estar sempre arrumando problemas me tornava quase uma aberração da natureza.

A diretora Osaria se mexeu desconfortavelmente na cadeira, constrangida com a discussão dos meus pais, e os interrompeu antes que pudessem prosseguir.

— Devo dizer que lamentarei muito a perda de Sandor. — Ela se virou para mim. — Questão da frequência à parte, você é um de nossos melhores alunos, e devo admitir que sua fraude ao sistema de segurança, embora ilegal e perigosa, mostra certa dose de... — ela faz uma pausa — *engenhosidade*. Agora, a meu ver, ele tem duas opções. Se escolher ficar na Capital...

— Sim — eu disse. — Não vou sair da cidade.

— ... Então, podemos arrumar um lugar para ele como aprendiz nos Munis.

Meu coração afundou no peito. Nos Munis? Os Munis eram a corporação de custódia da força de trabalho da cidade. Trabalho de manutenção. A maioria dos cidadãos da Capital era convocada por sorteio para servir aos Munis durante o período de um ano, não mais do que duas vezes na vida. Prestar serviço nos Munis não era vergonha alguma para a cultura lórica, mas estava longe de minha concepção de diversão. E entrar como aprendiz era praticamente me alistar para recolher lixo pelo resto da vida. Para mim, era uma sentença pior do que a morte.

Senti que comecei a entrar em pânico.

— Tem que haver outra opção na cidade. Será que não posso arrumar um emprego na Kora ou na Chimæra?

Sabia que era demais pedir emprego em um dos lugares onde havia arranjando problemas por entrar ilegalmente, mas estava

disposto a aceitar *qualquer* trabalho por lá, não importava quão ruim fosse. Eu esfregaria o chão se fosse preciso.

— Sim, é claro que há opções melhores! — minha mãe falou.

Fiquei surpreso em ouvi-la se pronunciar em minha defesa. Com pesar, Osaria fez que não com a cabeça.

— Infelizmente, todos os postos de emprego urbanos além do de aprendiz são reservados aos adultos. Ou ele vai para os Munis ou podemos alocá-lo em um Kabarak.

Achei que meu coração já havia chegado ao fundo do peito, mas o senti descer ainda mais e alcançar o estômago. Um *Kabarak*? Cumprir pena fora da cidade em um dos Kabaraks comunais de Lorien era uma parte importante da cultura lórica, além de essencial ao bom funcionamento do planeta, mas definitivamente não era uma experiência glamorosa: extração de loralite, criação de Chimæras, trabalho na lavoura. E tudo isso bem no interior, a quilômetros de distância de qualquer agitação. A menos que arrancar ervas e escavar a terra seja sua ideia de agitação.

Tive um mau pressentimento a respeito disso. Do outro lado da tela, meu pai assentia, parecendo quase satisfeito, e percebi que meu destino estava praticamente selado. Cumprir serviço em um Kabarak era considerado uma credencial nobre, além de pré-requisito para o trabalho no governo ou no Conselho de Defesa de Lorien, ajudando a proteger o planeta de um ataque de algum de nossos inimigos inexistentes.

Entre as opções igualmente terríveis, o Kabarak parecia ter ganhado a aprovação de meus pais.

— Osaria, acho que alguns anos em um Kabarak é tudo de que meu filho precisa — meu pai afirmou com um sorriso, de fato *contente* com o resultado da conversa.

Olhei para a tela, mas ele evitou meu olhar. Sabia exatamente como para mim era terrível escutar tudo aquilo.

Nem minha mãe me tiraria dessa.

— Concordo — ela disse, me lançando um olhar furtivo como se pedisse desculpas. — É mesmo a melhor alternativa.

— Bem, então está decidido — confirmou Osaria.

Naquele momento, desejei mais uma vez ter nascido um Garde — com um Legado de voltar no tempo e desfazer todos os meus erros da noite passada.

Por outro lado, se eu desfizesse a noite, não teria conhecido Devektra. Talvez quase tivesse valido a pena. Bem, *quase*.



Saí do colégio e comecei a longa caminhada em direção ao apartamento vazio de meus pais. Ainda faltavam horas para passar o primeiro ônibus da escola até o centro da cidade, então tive que ir caminhando sozinho pelas ruas desertas. Meus pais só voltariam de Deloon em algumas semanas e não estavam dispostos a vir à Capital para se despedir de mim. Provavelmente eu passaria os últimos dias por conta própria no apartamento, aguardando a convocação do Kabarak e os detalhes sobre o transporte. Esses detalhes talvez chegassem antes e dessem alguma pista do meu futuro: se o estado me arranjasse um transporte terrestre, eu seria encaminhado a uma colônia mais próxima, como Malka; se custeasse um meio de transporte aéreo, eu seria mandado para muito, muito longe, a um Kabarak nos Territórios Longínquos, do outro lado do planeta.

Não que isso fizesse alguma diferença. Exílio era exílio. E, mesmo depois que eu voltasse, meu futuro teria mudado para sempre. Sempre me imaginei arrumando um emprego fácil e tranquilo como os de Teev e Paxton, ou até trabalhando em um lugar como a Chimæra, mas a maioria das pessoas que servia em um Kabarak acabava em algum cargo no governo de Lorien.

Estremeci só de imaginar passar o resto de meus dias como um burocrata, carimbando papel em um escritório entediante como o do Conselho de Defesa de Lorien, desperdiçando minha vida na tentativa de conter uma invasão extraplanetária que todos sabiam que jamais aconteceria, enquanto procurava me animar fingindo que estava de fato fazendo algo *importante*.

Era inútil. Por enquanto, o melhor a fazer era tentar não pensar nisso. E seguir em frente.

A escola desaparecia atrás de mim à medida que os Pináculos de Elkin surgiam à frente, acenando em direção ao centro da cidade.

Cogitei ficar por ali e esperar o ônibus. Seria uma chance de me despedir de meus amigos quando saíssem da aula. Mas a ideia me deprimiu demais para que eu me desse esse trabalho. Não suportava imaginar eles descobrindo que eu havia estragado tudo.

Além do mais, eu até gostava bastante de Adar, Rax e alguns dos outros garotos da escola, mas não os considerava minha galera *de verdade*. Eu sempre fui diferente, até deles. Todo mundo em Lorien parecia satisfeito com tudo o que tinha. Todos eram felizes por viver no planetinha mais perfeito de toda a droga do universo. Por que eu também não era assim?

Ainda chafurdava em meu mar não Lórico de autopiedade, quando escutei meu nome.

— Sandor. — Parei de andar e me virei, um homem desconhecido, alguns anos mais velho do que eu, estava parado próximo a um aerobarco Muni parado logo atrás de mim. — Você é Sandor?

Ele usava a túnica azul característica de um Cêpan Mentor, a classe especial de Cêpans do CDL responsável por treinar a Garde e monitorar o desenvolvimento de seus Legados. Não fazia ideia de como ele sabia meu nome, e na verdade nem desejava descobrir. Já tivera problemas demais no dia, e, pelo visto, aquele sujeito ia me avisar que eu havia cometido alguma nova infração sem nem ter percebido.

— Aham — eu disse. — Esse é o meu nome.

Sem esperar pela resposta, me virei de costas e continuei a caminhar.

Sem pedir permissão, ele começou a me seguir.

— Peço desculpas. Minha intenção era encontrá-lo na reunião com Osaria, mas cheguei atrasado — o homem disse.

Fiquei em silêncio.

— Eu me chamo Brandon — ele continuou. — Sou Cêpan Mentor na Academia de Defesa de Lorien...

— Desculpe, cara — eu disse. — Eu não sou um Garde. Só um Cêpan comum e chato. Não preciso de mentor. E levei bomba no teste de aptidão da ADL há alguns anos.

— Pois é — Brandon concordou —, vi suas notas.

Ele levantou as sobrancelhas de maneira sugestiva, como se *soubesse* que fui mal de propósito nos exames, para escapar de ser despachado para a prestigiada Academia.

É claro que, comparado a um Kabarak, o treinamento de Mentores parecia uma opção muito boa àquela altura. Se eu soubesse o que estava reservado para mim, talvez tivesse pensado duas vezes antes de levar bomba naquele teste tantos anos antes.

— Ficamos sabendo das artes que você que aprontou — Brandon prosseguiu.

Olhei para ele com espanto. Como seria possível que houvessem ouvido falar das desventuras de um Cêpan menor de idade na Chimæra?

Mas Brandon falava como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Ficamos impressionados — ele continuou. — Um trabalho tecnológico desse tipo é bem incomum para alguém de sua idade. Sobretudo alguém que não foi treinado na Academia. Se desenvolvesse seus talentos de forma mais séria, poderia ser de grande valia para os esforços de segurança de Lorien.

Lembrei por que não gostava dos caras da ADL. Eles se levavam *muito* a sério. Lorien nunca havia entrado em guerra. Nunca havíamos sido atacados. Ainda assim, essas pessoas agiam como se vivêssemos sob ameaça constante. Parecia que apenas se convenciam dessas coisas para se sentirem mais importantes.

— Ah, sei — eu disse, dando um aceno desdenhoso para Brandon. — Estou indo para um Kabarak. Espero que apreciem meus talentos por lá.

— Não vão — ele respondeu, dando de ombros. — Escute, a ADL precisa de sangue novo e mãos para trabalhar. Temos

engenheiros e técnicos decentes, mas ninguém com seu talento para resolver problemas.

Revirei os olhos. Engenheiro na ADL? Era quase tão ruim quanto trabalhar nos Munis.

— Desculpe, cara. Não tenho interesse.

Continuei caminhando.

— Nossa reputação não é a mesma de antes, eu sei. — Brandon deu um sorriso irônico. Percebi que ele estava se divertindo com minha arrogância. — E é verdade que muitos loriens questionam a necessidade de defesa em tempos de paz. Estão equivocados. Mas nós temos recursos, Sandor. Você teria acesso total a nossos laboratórios de computação e engenharia. Além disso, depois de seis meses ainda teria direito a sair aos fins de semana. E recebi autorização para convidá-lo a fazer parte da Academia, apesar do seu desempenho... *extraordinariamente* baixo no exame de aptidão.

Parei de andar.

— Você estaria perto da cidade — ele continuou. — Quem sabe? Talvez daqui a algum tempo, quando estiver um pouco mais velho, consiga umas folgas para ir à Chimæra.

Estava claro que Brandon tinha mais informações a meu respeito do que era possível obter pelos boletins de segurança que descrevia minhas façanhas na Chimæra. Ele estava tocando em meus pontos fracos de forma *muito* precisa.

— Você teve acesso ao meu perfil psicológico, Brandon?

Ele apenas sorriu.

— Só decida se prefere passar os últimos anos da adolescência brincando de tecnologia de defesa perto da cidade, utilizando seus reais talentos, ou nos Territórios Longínquos, catando bosta de Chimæra.

— Territórios Longínquos? — Senti minha boca secar. Por que ele disse aquilo? Será que ouvira alguma coisa a respeito de onde eu prestaria serviço? — Do que você está sabendo? — perguntei.

— Não se trata do que eu sei, Sandor. Trata-se do que posso fazer.

E, com isso, ele se virou e foi embora.

CAPÍTULO

QUATRO

Semanas depois, ao sair da van que me transportava, me aproximei com cautela da entrada principal da Academia de Defesa de Lorien, com minhas malas nas costas. A escola era um cubo cinza sem janelas, encaixado no meio de um trecho gramado, às margens da Capital. Para um lugar de tamanho prestígio, eu esperava algo um pouco mais extravagante. Em vez disso, a única coisa que o distinguia de qualquer outro prédio do governo lórico era uma estátua do Ancião Pittacus.

Perto da entrada, a poucos metros de distância da estátua, alguns jovens Cêpans, em túnicas retas de cor azul e calças pretas folgadas, conversavam em voz baixa com um membro do Conselho de Lorien, que identifiquei de imediato pela túnica cor de bronze. Eles possuíam tão pouco estilo e elegância quanto o próprio edifício. Conforme passei, o conselheiro e os Cêpans me lançaram um olhar indiferente. Acenei para eles e me senti um idiota.

Foi quase um alívio entrar no prédio. O saguão era tão escassamente decorado quanto o exterior do prédio, mas pelo menos era movimentado. Jovens Mentores em treinamento mais ou menos da minha idade se dirigiam em fila às aulas. Havia alguns Cêpans Mentores adultos, e até umas crianças Gardes rindo e correndo umas atrás das outras em seus conjuntinhos azuis.

— Kloutus! — um Mentor gritou.

Com um olhar encabulado, um dos jovens Gardes reduziu a velocidade.

Reconheci que o Mentor era Brandon e fui em sua direção. Ele havia sido legal comigo quando me recrutou na rua, e um rosto familiar de repente era muito bem-vindo.

No entanto, se eu esperava ter um novo amigo, estava enganado. Brandon me deu uma olhada de cima a baixo, como se mal me conhecesse, e logo passou às formalidades.

— O que é isso?

Sem uma palavra de boas-vindas, ele arrancou as malas das minhas costas.

— São coisas que trouxe de casa — respondi, lutando para segurá-las.

— Temos que confiscá-las — ele retrucou. — No processamento, você vai receber tudo de que vai precisar.

— São minhas roupas!

Não sei por que me importava. É claro, eu teria que usar o uniforme da ADL, então não sei para que minhas roupas serviriam. Mesmo assim, a ideia de tê-las *confiscadas* me deprimia. Minhas roupas eram parte do que me tornava *eu mesmo*. Agora, eu seria igual a todos os outros.

Brandon sacudiu a cabeça diante de minhas tolices.

— Você pode dar um jeito de mandar tudo de volta para a casa de seus pais. Quando se formar, elas estarão esperando por você.

Com um aceno rápido de cabeça, ele apontou na direção do escritório de processamento e desapareceu por um corredor.

Sentindo-me pior do que nunca, eu me arrastei até o processamento, onde um ríspido administrador da ADL me entregou três túnicas verdes iguais, embrulhadas em um papel. Depois, ficou parado esperando, e percebi que eu deveria me trocar bem ali, na frente dele, para que ele pudesse recolher as roupas que eu estava usando e decerto levá-las a algum depósito ou incinerador onde o resto de minhas roupas seriam encaminhadas.

— Pode me dar licença? — eu pedi.

Ele virou de costas. Aproveitei a oportunidade e me despi rapidamente, vesti a túnica e escondi minha camiseta Kalvaka preferida dentro das dobras de minha nova e áspera indumentária. Uma peça de roupa de verdade era melhor do que nenhuma.

— Pronto — eu avisei, empurrando o resto de minhas roupas na mão do administrador, na esperança de que, ao ver as peças

emboladas em um montinho, o sujeito não notasse que uma estava faltando.

Funcionou. Ele indicou meu dormitório e me mandou ir para lá e aguardar as instruções para o resto de minhas orientações.

Depois de ser destituído de quase todas as minhas posses mundanas, caminhei pelos corredores do prédio, tentando compreender o local. Passei por salas de aula abertas, escritórios administrativos, ginásios e laboratórios e vi até um observatório de Chimæras envidraçado, onde um grupo das lendárias feras lóricas corria em círculos, umas atrás das outras, rosnando e bufando enquanto seus corpos mudavam de forma com a maior facilidade.

Pelo menos *elas* tinham permissão para andar como quisessem. Parei e as observei por alguns minutos, antes de prosseguir.

Enfim, alcancei o longo corredor do setor de alojamento e cheguei ao quarto 219. Aquele era meu quarto.

Ninguém havia me entregado uma chave, então respirei fundo, bati na porta e esperei.

Um instante depois, a porta se abriu, e um sujeito de olhos pequenos e nervosos, boca grande e nariz redondo me recebeu. Sua túnica verde era idêntica a minha, e eu ingenuamente me perguntei como distinguiríamos uma da outra.

— Você deve ser Sandor — o sujeito disse em um tom ríspido.
— Eu sou Rapp. Pode entrar.

Entrei no quarto, me esforçando para esconder meu horror enquanto examinava os beliches, o piso de pedras lisas, as janelas sem cortinas, que davam para um pátio vazio e pouco iluminado.

— Que minimalista — observei.

— Pois é — Rapp disse. — A ADL é muito simples. Estamos aqui para defender Lorien, não para dormir no conforto, eu acho.

Pelo menos ele não pareceu nem um pouco mais feliz do que eu em relação àquilo.

Eu me joguei na cama de baixo do beliche. O colchão era fino e duro.

— Então seremos colegas de quarto? — perguntei. — Você também está em treinamento para o departamento de tecnologia?

— Aham. Vamos nos ver bastante, eu acho. Cá entre nós, você está olhando para a turma toda.

— O quê?

— Somos só nós dois. Eles têm um corpo de uns vinte engenheiros e quinze técnicos ativos em todo o planeta, mas só dois aprendizes de cada vez.

Ah, não. Esse cara até parecia bem legal, mas, se éramos só nós dois, ele poderia ser o sujeito mais incrível de Lorien que *mesmo assim* enjoaríamos um da cara do outro.

— Mas não é tão ruim assim — ele continuou, sem perceber minha decepção. — Mesmo que sejamos só aprendizes, a equipe anda tão desfalcada ultimamente, que somos enviados para mapeamentos de rede, serviços de reparo nos perímetros eletrônicos, essas coisas.

— Empolgante.

Não tive a intenção de parecer sarcástico, mas não consegui evitar. Aquela seria minha vida nova pelos próximos dois anos, *no mínimo*, e já parecia um tédio completo.

Felizmente, Rapp era imune à ironia.

— É mesmo — ele concordou. — Saber que estou desempenhando um papel pequeno porém muito importante para proteger Lorien... é uma verdadeira bênção.

Essa eu não aguentei. Dei um pulo da cama.

— Proteger de quê? — perguntei.

— Como assim? — Rapp retrucou, me encarando com cara de bobo.

— Proteger Lorien *de quê*? Há éons este planeta não sofre um ataque. Mesmo com todas as missões de exploração e reconhecimento, não conseguimos manter nenhum tipo de contato direto com outro planeta por centenas de anos. O que tememos? Uma guerra *civil*? Todos os lorienos são pacifistas, e mesmo na parte mais perigosa do centro da cidade ou nas regiões menos desenvolvidas dos Territórios Longínquos nada de mau jamais acontece. Veja só, *eu* sou considerado um criminoso

implacável por aqui. E tudo o que fiz foi ser apanhado em um show da Devektra! — Rapp parecia perplexo, mas não me importei. — Você acha *mesmo* que está fazendo a diferença? — disparei. — Por favor. Todo esse papo de profecias antigas e ataques que certamente nunca vão acontecer... tudo isso é superstição.

Rapp não mordeu a isca. Em vez de responder, caminhou até a porta, sério.

— Daqui a pouco volto para fazermos um tour pelo lugar. Mas preciso dizer que, se essa é a sua atitude logo no primeiro dia, você vai ser muito infeliz por aqui.

Aham, eu pensei. Nem me diga.

CAPÍTULO

CINCO

Teria sido bom poder dizer que minha primeira semana na ADL passou em um piscar de olhos. Na realidade, ela se arrastou por uma eternidade ainda maior do que eu havia imaginado.

Rapp, pelo que percebi, ainda estava aprendendo nas aulas coisas que eu já tinha aprendido sozinho havia séculos, por isso eu mal podia contar com os trabalhos escolares para me manter interessado. É claro que eu podia ter contado à professora Orkun que já sabia tudo aquilo, mas preferi ficar quieto. Em vez disso, passava as aulas de cabeça baixa, assentindo durante as lições e tentando fingir que tudo aquilo era novidade para mim.

Sabia que estava sendo idiota. Já que tinha que ficar ali, deveria aproveitar para tentar aprender alguma coisa. Mas, de um jeito estranho, parecia que dessa forma *eles* ganhariam. Se desperdiçasse meu tempo, eu ainda estaria saindo dessa impune, certo?

As coisas não eram muito mais interessantes no refeitório. Assim como os outros alunos da Academia, eu ficava muito na minha. Quanto aos Cêpans Mentores, que tinham seus próprios Gardes para treinar, era bastante raro vê-los pelo campus, e os que comiam no refeitório em geral estavam muito ocupados cuidando de seus jovens Gardes para se misturar com aprendizes de engenharia como Rapp e eu.

Os únicos na Academia que se interessavam por mim eram os Gardes pequenos, que começavam a desenvolver seus Legados e alegravam um pouco a escola. Em Lorien, as crianças da Garde eram criadas pelos avós até os onze anos de idade, quando eram enviadas a locais como a ADL para treinar com o Cêpan Mentor que lhes fora designado. Havia academias de treinamento em todo

o planeta, mas a ADL era considerada uma das melhores — os Gardes que iam parar ali supostamente tinham um Legado muito importante em formação.

Algumas das crianças que corriam pelos salões da ADL estavam apenas começando a manifestar seus dons, enquanto outras estavam desenvolvendo o segundo ou terceiro Legado. Mas quase todas viviam animadas, tomadas pela empolgação de controlarem seus poderes, além de morarem longe de casa pela primeira vez. Elas tinham o futuro inteiro pela frente.

Basicamente, a única coisa animadora que aconteceu durante toda a primeira semana foi que um dos Gardes mais jovens, um garoto de cabelo escuro e olhar travesso chamado Samil, quase destruiu a escola inteira. Na verdade, foi até meio divertido — acho que Samil estava exibindo seu Legado pirocinético em desenvolvimento a uns garotos mais velhos, em uma sala vazia, quando as coisas começaram a fugir do controle. Em pouco tempo, o fogo havia se alastrado violentamente. Os corredores da escola se encheram de fumaça, as sirenes soaram e os Cêpans correram para evacuar os estudantes e os funcionários, enquanto os Gardes mais velhos e experientes foram em direção ao fogo para tentar contê-lo.

O restante de nós ficou reunido no gramado, esperando que tudo fosse resolvido. Pelo menos por alguns minutos, enquanto uma espiral de fumaça negra subia do prédio, pareceu que minha estada na Academia de Defesa de Lorien seria bem curta.

— Então, se este lugar inteiro queimar, vão me mandar para casa, certo? — perguntei a Rapp.

— Não fique tão decepcionado — respondeu, desdenhoso. Quando viu que não retruquei, ele apenas bufou. — Cara, você acha que isso não acontece o tempo todo? As paredes daqui são à prova de fogo. Na verdade, são à prova de qualquer coisa. Esta escola foi construída para resistir a praticamente tudo. Você devia se preocupar com o que está *dentro* daquela sala. Como o pobre do garoto que acabou de descobrir que gerar bolas de fogo gigantes talvez não seja tão legal quanto parece.

No mesmo instante, me senti culpado por sequer ter considerado isso. Todos os anos surgiam histórias de jovens Gardes mortos em acidentes assustadores causados por poderes que não eram capazes de controlar ou, em alguns casos, nem sabiam que *tinham*. Houve a garota com habilidade de manipular a temperatura que acidentalmente se congelou na banheira, e o garoto com poder de voo sônico que excedeu a força da gravidade do planeta e foi sugado pela atmosfera, sem poder respirar. Era obrigação dos Cêpans Mentores prevenir esse tipo de incidentes. Ainda assim, essas coisas aconteciam.

— Desculpe — murmurei para Rapp. — Acho que não pensei direito.

Ele deu de ombros e abrandou a expressão.

— Aham — respondeu. — Eu sei. Sem problema.

Olhei de relance para Vatan, Cêpan do garoto que havia começado o incêndio. Seu rosto estava pálido e angustiado. Eu sabia que, se algo acontecesse sob sua responsabilidade, ele jamais se perdoaria. Porém, alguns minutos depois, uma pequena figura surgiu rastejando em meio à fumaça e às chamas. Era Samil, totalmente ileso. A expressão em seu rosto se dividia igualmente em vergonha, horror e orgulho.

Todos gritaram de alegria e alívio, e, na primeira demonstração genuína de emoção que presenciei desde que cheguei à Academia, Vatan correu pelo campo e envolveu Samil em um forte abraço. A pele do garoto — no fim das contas tão à prova de fogo quanto as paredes da escola — ainda queimava de calor. Vatan não o soltou nem mesmo quando o tecido de sua túnica azul chamuscou.

Eu também fiquei aliviado. Quer dizer, é óbvio que fiquei aliviado. Não queria que ninguém morresse, muito menos um garoto de onze anos. Mas, pelo menos, o fogo havia sido *alguma coisa*. Depois que acabou, tudo voltou ao normal. E, por ora, minha cota de normalidade já estava preenchida pelo resto da vida.

As noites na ADL não eram muito diferentes dos dias. Pelo menos, eu tinha Rapp para me fazer companhia. É, ele levava tudo muito a sério, mas pelo menos era alguém com quem conversar. E

não era tão chato quanto me pareceu a princípio. Ele não fazia ideia de quem era Devektra, mas desde que contei a história de como a havia conhecido, quis saber todos os detalhes. Não só sobre Devektra, mas sobre a Chimæra, como eu tinha conseguido entrar escondido e se eu era *mesmo* um frequentador assíduo.

Além disso, ele me deixava copiar seu dever de casa, o que era ótimo, porque, embora a maioria fosse fácil, era muita coisa a fazer.

Talvez, se achasse que havia algum propósito em fazer os deveres por conta própria, eu teria me interessado mais. Em casa, eu havia aprendido sozinho a mexer em máquinas e equipamentos eletrônicos com uma finalidade: escapar das aulas e entrar em lugares como a Chimæra. Para ser quem eu quisesse ser. Era um meio de burlar o sistema.

Aquilo ali *era* o sistema. E um sistema no qual eu não acreditava.

De acordo com a lenda — ou a *história*, dependendo de quem a contava —, os Nove Anciões deram origem à Grande Era Lórica éons atrás, quando descobriram as Pedras da Fênix. O evento antigo teria então despertado os Legados da Garde e evocado as Chimæras de seus esconderijos, transformando Lorien em um lugar de paz e prosperidade, algo sem precedentes no universo inteiro.

Daquele momento em diante, o ecossistema de Lorien se desenvolveu. Onde antes alimentos e recursos eram escassos, passou a haver mais do que o suficiente para todos. O que o planeta em si não oferecia em excesso era facilmente fornecido pelos estranhos, incríveis e infinitos poderes diversificados da Garde. Em outros planetas, esse era o tipo de coisa que as pessoas disputavam com unhas e dentes. Aqui, não. Aqui em Lorien, nós podíamos apenas *viver*.

Entretanto, os Anciões também lançaram uma profecia: haveria um dia, quando menos esperássemos, uma ameaça viria nos testar — e nos destruir. Não saberíamos quando essa ameaça viria, mas ela *viria*, e quando acontecesse deveríamos estar preparados.

Era por isso que a ADL existia. Era por isso que eu estava aprendendo a criar e manter sistemas de defesa cada vez mais elaborados contra um inimigo que eu tinha certeza absoluta de que era uma fantasia. Só para o caso de amanhã ser o dia em que todos vamos acordar sob ataque.

Em casa, todos sabiam da história, mas ninguém parecia dar muita importância a ela. A descoberta das Pedras da Fênix era apenas uma lenda, algo que acontecera havia tanto tempo que já nem parecia real. E a antiga profecia dos Anciões... Bem, mesmo que algum dia se concretizasse, sem dúvida parecia que não seria tão em breve. Da boca para fora, muitos lorienos apoiavam o *bom trabalho* realizado em locais como a ADL, garantindo que Lorien “permanecesse segura por muitas gerações”, mas nem os mais patriotas pareciam levar nada daquilo muito a sério.

Afinal de contas, tudo era perfeito. Por que se preocupar com o que poderia acontecer um dia?

Ali na Academia, a história era totalmente diferente. Todos andavam para lá e para cá como se a profecia estivesse a cinco minutos de se concretizar, como se pudéssemos ser atacados a qualquer instante. Quando disse a Rapp que na verdade não achava tão importante manter a rede — o vasto sistema de defesa que escaneava o espaço aéreo da Capital em busca de potenciais invasores — funcionando em perfeitas condições o tempo inteiro, foi como se o tivesse insultado.

— Alguns de nós realmente se importam com o que é feito por aqui — ele disse. Proferiu as palavras com calma e cuidado, mas sua voz estava trêmula. Percebi que eu o havia abalado seriamente. — Enquanto todos em Lorien vivem suas utopiazinhas, parabenizando uns aos outros pela perfeição deste lugar, pessoas como eu dão o sangue para manter as coisas assim. Sem a rede, seríamos um alvo fácil. Mas todo mundo só ri da nossa cara.

— Calma — eu pedi, surpreso por ele estar tão furioso. — Você está agindo como se eu tivesse acabado de dizer que Pittacus Lore é um idiota ou coisa do tipo.

— É, pode ser — ele respondeu, emburrado. — Você deve pensar *isso* também, não é?

Eu paro.

— Não — respondi. — Quer dizer, não exatamente.

Na realidade, eu não fazia a menor ideia de como era o famoso Pittacus Lore. Eu nunca o vi — mesmo a estátua de Pittacus na entrada da Academia não era do Pittacus atual, mas de um dos mais antigos, provavelmente de umas centenas de anos antes ou algo assim.

Os Anciões atuais tinham os mesmos nomes dos nove originais que supostamente descobriram as Pedras da Fênix, mas pertenciam a gerações muito distantes dos Anciões da lenda. Os nomes eram passados adiante como títulos, junto com as habilidades específicas dos Anciões, a sucessores escolhidos a dedo para assumir o papel de seus antepassados de zelar por Lorien, proteger nosso meio ambiente e preservar nossas tradições e nosso modo de vida. Eu sabia que eles faziam viagens ocasionais à ADL para consultar os Cêpans Mentores e os instrutores, mas nunca os tinha visto.

Com exceção dessas breves interações com o mundo, os Anciões havia muito tinham se afastado das atividades cotidianas de Lorien. Até o paradeiro exato deles era desconhecido: alguns lorienos diziam que eles viviam no interior das montanhas de Feldsmore, enquanto outros afirmavam que sua moradia era em uma fortaleza gigantesca de vidro nas profundezas do Mar de Terrax. E essas eram apenas algumas das teorias mais plausíveis.

A única coisa que eu sabia era que não parecia que os Anciões faziam muita coisa, e a maioria do pessoal na ADL e dos operadores de defesa de Lorien contavam muitas histórias a respeito de profecias que jamais se tornariam realidade.

CAPÍTULO

SEIS

Em meu décimo primeiro dia na ADL, acordei com Rapp puxando meu braço.

— Ande logo, Sandor — ele disse. — Vamos chegar atrasados.

— Sua mãe é uma bunda de Chimæra — murmurei irritado, empurrando Rapp e cobrindo a cabeça com meu lençol áspero e fino.

Esse havia se tornado nosso ritual matinal. Ele tentava me acordar, me lembrando de que era Dever Solene Lórico levantar com energia para o trabalho, e eu inventava xingamentos cada vez mais vívidos para mandá-lo me deixar em paz. Ambos estávamos nos cansando dessa rotina.

— Muito bem — Rapp disse se virando para sair. — Então vou sozinho ao centro da cidade.

Abri os olhos e me sentei na cama.

— Centro da cidade?

— Aham. Encontrei Orkun no refeitório, ela disse que as aulas foram suspensas e que temos que comparecer ao transporte imediatamente. Ela quer que a gente aproveite o tempo livre para fazer uma manutenção na rede.

— E por que você não disse isso logo?

Eu já estava fora da cama e vestindo a túnica às pressas, empolgado com a oportunidade de ir à cidade.

Ele apenas deu uma risada de desdém enquanto eu me olhava no espelho tosco e minúsculo acima de minha cômoda, tentando em vão assentar com cuspe as pontas irregulares do redemoinho de meus cabelos.

— Cara — ele disse —, você acha que ficar se arrumando vai fazer alguma diferença? As garotas da cidade sequer notam a

gente. Essas túnicas podem muito bem ser capas de invisibilidade.

Eu sabia que ele tinha razão, mas mesmo assim grunhi. Dei as costas para meu reflexo no espelho e caminhei até a porta, e meu colega de quarto me seguiu. Era difícil ficar muito aborrecido. Não, a manutenção da rede não era tão empolgante nem nada do tipo, mas mesmo assim iríamos para a cidade.

Chegamos ao hangar de transporte e entramos no único veículo de dois lugares disponível da Academia: uma estrutura em forma de gota, que alguns estudantes chamavam de Ovo. Observei, do banco do passageiro, Rapp falar com um aparelho receptor no painel, programando nossa viagem até o centro da cidade de acordo com as instruções que Orkun havia lhe passado. “Setor três-dois-nove, módulo de segurança H, área três.” Ele folheou um fichário e apanhou coordenadas extras. “Setor dois-nove-sete, módulo J, área sete.” Ele tinha um sorrisinho convencido no rosto enquanto dizia isso, como se essas coisas o fizessem se sentir muito importante ou coisa do tipo.

Eu não conseguia entender Rapp de jeito nenhum. Como alguém podia se empolgar em trabalhar na manutenção da rede? Era como se animar em escovar os dentes, com a diferença de que escovar os dentes só leva dois minutos, e *isso* quando se escova muito bem.

Ao mesmo tempo, eu me sentia meio mal por sempre ser chato com ele. Rapp, com seu jeito estranho, era como eu. Eu estava no programa de engenharia da ADL porque havia sido forçado, mas ele *queria* mesmo estar ali. Considerando que só havíamos nós dois na turma, ele se tornava ainda mais esquisito do que eu. Mas ele não se importava. Na maior parte do tempo, mal percebia quando eu caçoava dele. Eu deveria admirar o rapaz.

Claro que jamais contaria isso a ele, mas pensei que pudesse ao menos dizer que não achava que a mãe dele se parecia mesmo com uma bunda de Chimæra, e que ela provavelmente era uma gata.

No entanto, antes que eu sequer pudesse formular meu pedido de desculpas, ele deu as últimas coordenadas, e o Ovo decolou, nos lançando para fora do hangar, passando pelo prédio quadrado

da Academia e seguindo por pastos, cabanas de barro e criadouros de Chimæras do Kabarak de Alwon.

Alwon era o único Kabarak dentro dos limites urbanos de Lorien, e por isso teria sido minha primeira opção caso eu fosse designado para um deles. Observei os kabarakianos madrugadores, vestidos em seus trajes vermelhos e seus amuletos cerimoniais, concentrados em seu trabalho na terra, indiferentes a mais uma invasão rotineira do veículo da ADL, enquanto nosso Ovo passava zunindo e dava a volta por eles.

Era engraçado pensar que apenas algumas semanas antes eu estava deprimido e em pânico com a ideia de trabalhar em um Kabarak. Depois desse tempo na Academia, não parecia mais um jeito ruim de viver. Pensando bem, talvez eu estivesse só com inveja das roupas deles — eu ficava muito melhor de vermelho do que de verde.

O Ovo cruzou a ponta oeste de Alwon, ganhou velocidade e seguiu pelas despovoadas áreas industriais da parte leste da cidade em direção ao centro, a quilômetros de distância. Os Pináculos de Elkin reluziam com o brilho dos sóis matinais. Percebi que nunca tinha visto o centro daquela distância e ângulo em especial. Talvez fosse nostalgia ou saudade de casa, mas a cidade parecia mais linda do que nunca.

Então, para além dos Pináculos, notei algo estranho.

A distância, brotando no horizonte por entre os Pináculos, uma intensa coluna de luz branca atinge as nuvens. Era uma manhã clara, mas nem os raios dos sóis eram capazes de suavizar a intensidade da luz, maciça e quase palpável. Era surpreendente.

— O Quarto Crescente é daqui a três dias — Rapp disse, mal olhando para a luz.

Segundo a lenda nativa, havia um Quarto Crescente no céu no dia em que os Primeiros Anciões descobriram as Pedras da Fênix, e, com o passar dos anos, foi criado um feriado no período de surgimento regular do Quarto Crescente. Dentro e fora da cidade, nas instalações e Kabaraks, todos festejavam até altas horas, dançando, reunidos em torno de fogueiras e soltando fogos de artifício para celebrar o milagre do renascimento de nosso planeta.

Monumentos temporários e projeções luminosas, chamadas Arautos, eram providenciados pelo governo da cidade ou pelo Conselho dos Anciões para comemorar nossa história e festejar a chegada do Quarto Crescente.

Aquele era um Arauto muito maior e mais elaborado do que todos que eu já presenciara, tão alto e majestoso que talvez pudesse ser visto de fora da cidade — se é que sequer estava dentro cidade. Era um tanto estranho, mas não dei importância. Se existe algo em que nós, loriens, para não citar os Anciões, somos muito bons, é criar novas maneiras de celebrar nossa grandeza.

Eu particularmente achava que os Anciões poderiam arrumar formas muito melhores de gastar seu tempo e poderes, mas quem era eu para questionar sua sabedoria milenar?



Quando o Ovo enfim parou zumbindo em um canto do Parque Eilon, senti uma pontada de surpresa.

— Espere aí — eu disse, me virando devagar para Rapp. — É *aqui* que vamos fazer a manutenção da rede?

Rapp me olhou como se eu tivesse enlouquecido.

— É claro — respondeu. — Disse que estávamos vindo para o centro da cidade. Por quê?

— Porque — eu retruquei — essa é a Kora. — Apontei para uma porta insignificante no canto de um grande prédio insignificante. — Essa é a entrada dos fundos.

— Essa é a boate de que você tem falando esse tempo todo? — Rapp empurrou a porta do Ovo e pulou para fora, seus pés atingindo o chão com um baque. — Vou lhe contar, cara, eu imaginava algo... sei lá, mais bacana e tal. Isso aqui parece um galpão enorme e imundo.

Franzi a testa enquanto pulava para fora atrás dele.

— Essa é a porta *dos fundos* — disse. — De qualquer forma, o lado de fora não é mesmo para se parecer com nada. Isso a torna

ainda mais especial quando você vê o lado de *dentro*.

Rapp balançou a cabeça, curioso, deu de ombros como se dissesse *você quem sabe* e se dirigiu a um poste que se elevava da base da Colina de Eilon.

Antes de aprender a falsificar meu bracelete de identificação, aquele era praticamente o único lugar aonde eu podia ir para dançar e me divertir à noite, quando meus pais estavam fora da cidade. Não era nem de longe tão legal quanto a Chimæra, a música na verdade era bem ruim na maior parte do tempo, e, além disso, o lugar ainda meio que fedia. Porém, como não serviam ampolas, não havia restrição etária para entrar. Era o que eu podia ter.

Naquele momento, no entanto, eu daria qualquer coisa para voltar à Kora, mesmo com a música ruim e o fedor. De repente, senti falta daquele cheiro.

Eu estava parado do lado de fora, vestindo uma túnica verde, feia e amarrotada, e, bem, não havia nada que eu pudesse fazer a respeito disso. Arrastei os pés mais para perto de Rapp, que já havia subido um terço da altura até o painel de controle da rede pelo poste, usando um arnês, e me preparei para ser içado com ele. Pelo menos lá de cima ninguém me reconheceria na túnica.

Antes que eu começasse minha subida, Rapp me chamou lá de cima.

— Este aqui não está em condições tão ruins. Acho que dou conta. Eu *disse* a Orkun que poderia consertar sozinho, mas ela ainda não confia em mim.

Fiquei incomodado. Não é que eu estivesse animado com a ideia de subir até lá só para ficar brincando durante horas com um monte de fios, mas pelo menos era alguma coisa para fazer.

— E agora? Tenho que ficar aqui olhando você trabalhar?

Rapp, já concentrado em rodar os diagnósticos no painel de controle, deu um suspiro e olhou para mim.

— Se quiser ajudar, vá verificar a próxima área da lista. Dá para ir andando até o Setor dois-nove-sete, mas se estiver com preguiça pode programar o Ovo, depois encontro você lá.

Rapp retornou ao trabalho. Parecia que estava *tentando* me irritar. Ele sabia que eu nunca havia feito uma operação de manutenção antes e não tinha nem ideia de como começar. Estava me forçando a pedir ajuda. Talvez me conhecesse mais do que eu imaginava: se existe algo que odeio é pedir ajuda.

— Rapp, você sabe que nunca fiz isso antes.

— Orkun repassou cada passo dois dias atrás na aula.

Sério? Honestamente, não me lembrava.

— Acho que não prestei atenção — respondi.

— Também estava no dever de casa. Ah, espere... você nunca faz o dever de casa.

Por um segundo, pensei que ele estivesse realmente bravo, mas então começou a dar uns risinhos e passou a chave do Ovo para mim.

— O *kit* reserva está atrás do banco do passageiro. O equipamento é basicamente autoexplicativo, mas se você se confundir pode sempre apertar o botão de ajuda para ativar as instruções. — Ele voltou ao trabalho. — Pode confiar, não é tão difícil. Se conseguiu enganar o escâner da porta da Chimæra, vai resolver isso em dois tempos.

Subi a Colina de Eilon com o *kit* nas costas e um módulo de informações na mão — um dispositivo pequeno e quadrado que marcava minha localização exata na cidade, e também permitia que eu me comunicasse com Rapp ou até com outros Cêpans na Academia, caso fosse necessário.

Ainda que conhecesse aquela área como a palma de minha mão, nunca me dera o trabalho de aprender o sistema oficial de coordenadas da cidade. Ao cruzar a colina e entrar no distrito comercial ao norte do Parque Eilon, o módulo indicou que eu acabava de entrar no Setor 302, que a maioria das pessoas chama de Crescente devido à curva que a avenida principal vai descrevendo, em forma de lua.

Observei o módulo com um estranho fascínio à medida que meus antigos esconderijos preferidos do bairro — o Pit, a Arcádia — eram convertidos para seus numerais Munis em meu dispositivo: 282, 304, 299.

Enfim, cheguei ao 297. Ao olhar pelo localizador, me surpreendi ao perceber que estava bem do lado de fora da Chimæra. Dei um suspiro discreto, tentando não pensar muito nisso. Não importava na frente de qual prédio eu estava. Não estava ali para entrar em lugar nenhum. *Não podia* entrar.

Estava ali para subir no poste.

Então, coloquei o arnês e comecei a subir. Quando cheguei ao topo, olhei para o horizonte. Dali de cima, a coluna de luz que Rapp e eu tínhamos visto antes parecia ainda mais impressionante. Bem, talvez *impressionante* não fosse a palavra certa. Na verdade, era meio assustadora. Ela vibrava e pulsava de um jeito quase sobrenatural. E era difícil dizer de onde vinha — poderia estar a poucas quadras ou a centenas de quilômetros de distância. Não se parecia com nada que eu já vira em outra celebração do Quarto Crescente.

Mas isso não era problema meu. Eu estava ali para trabalhar na rede. Então, destravei a frente do painel de controle, o abri e encontrei o teclado numérico imprensado em um espesso ninho de fios coloridos embolados.

Dei outro suspiro, mais longo e profundo que o anterior.

Aquilo ia demorar.

Ainda era o final da manhã, praticamente o único horário do dia em que a boate não estava lotada. A entrada da Chimæra ainda estava vazia. Porém, eu sabia que a multidão começaria a chegar dentro de algumas horas. Por um segundo, me perguntei o que meus amigos pensariam se algum deles esbarrasse comigo. Então, percebi que provavelmente nem me reconheceriam. Para eles, então, eu era só mais um cara de túnica verde.

O trabalho me absorveu de maneira surpreendente. Comecei rodando diagnósticos automáticos em fios individuais para determinar se precisavam ser substituídos. A única parte complicada era descobrir quais fios eram quais. Estavam todos numerados, e os danificados tinham que ser removidos e substituídos dentro de uma sequência correta, do contrário eu estragaria a peça inteira. Contudo, como Rapp prometera, o sistema de ajuda do *kit* forneceu instruções muito úteis quando eu

fiquei confuso ou tive dificuldade em identificar a olho nu um dos fios danificados.

Fazia semanas desde que eu aprontara com o sistema do bracelete de identificação, e acabei me esquecendo de como sentia falta desse tipo de brincadeira. Em minha breve estada na ADL, já havia me esquecido de como eu era realmente bom nisso. Gostei de poder avançar um passo de cada vez, gostei da forma como todas as peças se encaixaram como em um quebra-cabeça. Gostei do fato de que, mesmo sem ter a mínima ideia do que estava fazendo, dava muito bem para descobrir só com alguma noção dos princípios básicos.

Em pouco tempo, eu já não precisei mais do módulo de ajuda. Já identifiquei as sequências de fios sem dificuldade e as ajustei com facilidade, agindo quase instintivamente.

Eu nunca havia refletido muito sobre a rede ou que função vital ela desempenhava para a cidade. Além de monitorar e registrar os acontecimentos da Capital por meio de sensores sofisticados, e compilar informações para os Munis sobre o fluxo de pessoas e mercadorias — mantendo tudo em *perfeita* ordem —, a função menos popular da rede era a de proteção. Os postes insignificantes, tão onipresentes que mal se reparava neles, na realidade mantinham uma estrutura invisível de escudos de defesa e sistemas de contra-ataque sobre a linha do horizonte. O raciocínio por trás da instalação da rede, algumas centenas de anos antes, era o de que a cidade possuía a maior densidade populacional do planeta e abrigava os mais importantes membros do governo lorieno, além de ser o ponto central de sistemas fundamentais de informação e comunicação. Qualquer inimigo que planejasse um ataque a Lorien alvejaria a cidade primeiro.

Eu ainda não acreditava que uma coisa dessas aconteceria, mas tinha que admitir, ainda que relutante, que a coisa toda era bem legal. Pena que também era inútil.

Enquanto trabalhava de forma quase inconsciente, contemplava a rede com um novo interesse. Um em cada quatro fios em que eu rodei o diagnóstico precisava ser substituído, o que me pareceu estranho. Peguei o *kit* para checar a data da última

conferência de manutenção do poste e fiquei surpreso em descobrir que fazia apenas algumas semanas. Aqueles fios estavam se deteriorando em um ritmo bem acelerado.

De todos os fios nos quais eu estava trabalhando, havia poucos de reserva ou repetidos — praticamente cada fio servia a uma única função —, e vários estavam danificados, o que significava que aquele poste estava comprometido. Se eu compreendesse bem a natureza do escudo de defesa da rede, diria que toda a área naquele entorno estava vulnerável a ataques. Por que isso aconteceu, se os fios tinham sido consertados havia pouco tempo? Eu me perguntei se o painel de controle possuía alguma falha técnica que estava encurtando a vida útil dos fios mais depressa.

Com a curiosidade atizada, corri com o trabalho, ansioso para encontrar Rapp e perguntar se ele vira algo similar nos postes onde havia trabalhado. Queria saber se era coincidência ou se havia um problema maior.

Não que eu me importasse.

— Que história *é essa* de homem usar vestido?

Eu estava tão absorto em meu trabalho, que a voz inesperada fez meu coração pular para a garganta. Soube exatamente quem era, mesmo sem olhar para baixo.

Mesmo assim, olhei.

A peruca branca dera lugar a cabelos castanhos bem curtinhos; agora, ela usava um vestido vermelho simples, curto e evasê. O vestido, assim como o cabelo, era estampado com bolinhas brancas irregulares.

Eu nem fazia ideia de como se estampava bolinhas no cabelo. Seria esse mais um Legado de Devektra? Honestamente, vindo dela, nada me surpreenderia.

— Ei — respondi. A palavra saiu de minha garganta como um estranho coaxar.

Ela olhou para cima, pressionando os lábios em um sorriso e protegendo os olhos dos sóis.

— Jamais imaginei que você fizesse o tipo aprendiz dos Munis — ela disse.

— ADL, na verdade — corriji, determinado a esconder minha vergonha. — Aprendiz de engenharia. — Então, percebendo o quanto parecia idiota, acrescentei: — Só estou nessa por causa da túnica.

Ela soltou uma risada alegre e espontânea.

— Até que não fica tão mal em você — ela disse. — Só não entendo por que vocês homens usam essas calças ridículas de pijama por baixo. Qual é o sentido em usar um vestido e não mostrar as pernas?

— Você não diria isso se já tivesse visto minhas pernas — respondi, e voltei ao trabalho.

Naquele dia eu não estava no clima de ser caçoado pela garota mais atraente do mundo. Entretanto, para minha surpresa, Devektra não foi embora.

— O que exatamente você está fazendo aí em cima? — ela perguntou. — Sempre quis saber para que servem esses postes.

— É a rede.

Não quis encorajar sua encenação de bobinha. Todo mundo sabia o que era a rede. A maioria escolhia não se importar.

— A rede — ela repetiu. — Então acho que você é uma dessas pessoas que acredita naquela coisa toda...

— O que você quer dizer com “naquela coisa toda”?...

— Profecia dos Grandes Anciões, ameaça a Lorien, eterna vigilância, blá-blá-blá. Se você não consertar essa caixa em um segundo, os alienígenas vão aterrissar amanhã e abduzir todos nós para limpar as privadas deles!

Eu pensei por um instante. Não, eu não era *uma dessas pessoas*. Claro que não. Levando em conta o que andei dizendo a Rapp a semana inteira, fiquei surpreso em me ver resistir a essa interpretação. Em vez de rir com ela, eu mordi a língua, substituí os últimos fios defeituosos, fechei a frente do painel de controle e me ajeitei para descer.

Devektra não fez menção de ir embora.

— Você não tem nenhum show e precisa se preparar? — perguntei.

— Que nada — ela respondeu, se encostando na porta de entrada e me encarando com um sorriso duro e impenetrável. — Só vim fazer uma prova de roupa. Não me apresento de novo até o Quarto Crescente.

— Ah — respondi, jogando o *kit* por cima do ombro.

— Você deveria vir.

Eu olhei para ela, surpreso com o convite e me perguntando se ela estava brincando comigo. Ela *esteve* caçoando de mim aquele tempo todo, certo?

Ela abriu um sorriso. Era como se soubesse o efeito que exercia sobre mim.

É claro que sabe, lembrei, furioso. Ela pode ler meus pensamentos.

Ela deu uma piscadela, se virou e saiu caminhando sem dizer nenhuma palavra. E eu fiquei lá, balançando, pendurado feito um idiota em meu poste idiota.

Mesmo que ela tivesse falado sério, o que eu não tinha certeza — ler pensamentos deve ter seus benefícios —, nunca poderia aceitar seu convite. Em primeiro lugar, eu não tinha permissão para sair do campus da ADL depois de escurecer; em segundo, eu jamais conseguiria entrar na Chimæra depois do problema da última vez.

Naturalmente, Devektra sabia de tudo isso. Eu *quase* me deixei acreditar que ela estava falando sério.

CAPÍTULO

SETE

Quando cheguei ao pé da Colina de Eilon, encontrei Rapp envolvido em uma conversa séria com um Cêpan Mentor que eu jamais vira.

— Este é Daxin — ele me apresentou quando me aproximei.

O sujeito não parecia nada interessado em me conhecer, mas eu o cumprimentei com um aceno sem muito entusiasmo mesmo assim. Ele ignorou.

— Precisarei confiscar o transporte de vocês pelo resto do dia — Daxin disse. — Aconteceu uma coisa, e não tenho tempo de retornar à ADL.

— Claro — eu disse, dando de ombros. — Pode levar. Podemos terminar nossa manutenção da rede a pé e depois voltar caminhando para a Academia.

Fiquei irritado com a ideia da longa caminhada de volta, mas não quis deixar que eles percebessem.

— Ele não pode levar o Ovo sem um de nós junto — explicou Rapp. — Nós somos a tripulação programada para hoje; a nave só dá partida com um de nós dois ao volante.

Aparentemente sentindo que a situação havia sido bem explicada, Daxin se dirigiu ao Ovo e pulou no banco do passageiro. Rapp notou minha confusão.

— Eu ofereci você para acompanhá-lo — ele disse.

— Por que eu e não você?

Não quis admitir, mas eu me senti frustrado. Estava realmente começando me divertir com o trabalho de reparo na rede.

— Porque ainda temos cinco setores e oito áreas para cobrir, e meu ritmo de trabalho é melhor do que o seu.

Eu paralisei.

— Não, eu fiz um e você fez um...

— Eu fiz *três* — Rapp me interrompeu. — Só voltei para apanhar o Ovo e acabei encontrando Daxin.

Ele já tinha terminado *três*? Será que eu havia sido mesmo tão devagar assim? Eu teria que começar a prestar atenção às aulas se não quisesse parecer um idiota.

— Desse jeito ainda temos uma chance de completar a lista até o final do dia.

— Tudo bem — eu respondi, sentindo uma estranha decepção.

— Teremos outros dias de manutenção da rede.

— Aham — disse. — Eu sei. Serei mais rápido da próxima vez.

Saí dali e entrei no Ovo. Já o havia conduzido pelo campus da ADL antes, mas era a primeira vez que eu o pilotava de verdade, e senti um arroubo de empolgação. Quer dizer, nem era grande coisa pilotá-lo, já que ele fazia a maior parte do trabalho sozinho, mas mesmo assim. Era um ovo gigante que voava... como uma coisa dessas poderia não ser divertida?

As portas se fecharam atrás de mim com um assobio.

Foi só quando me sentei que notei a estranha energia que emanava de Daxin. Ele estava agitado e nervoso, e tive a impressão de ter visto uma linha de suor se formando em sua testa.

— Para onde vamos? — perguntei.

— Oeste, no Kabarak de Malka — ele respondeu. — Pode mandar o Ovo parar lá. Percorreremos o resto do caminho a pé.

Dei as coordenadas para o receptor, e o Ovo decolou para fora da cidade. Quando ultrapassou os limites urbanos, ganhou velocidade.

Irritado pelo modo como Daxin batucava nas pernas e olhava, nervoso, ao redor, fixei os olhos à frente na paisagem, que se movia com rapidez, sem dizer uma palavra. As planícies cobertas de terra que circundavam a cidade deram lugar à vegetação cada vez mais exuberante do restante de Lorien. Eu havia passado tão pouco tempo fora da cidade, que foi um choque lembrar como uma parte imensa de nosso planeta era *verde*.

A barreira de luz branca continuava aparecendo por cima do topo das árvores.

— Todos os Anciões viajaram este ano — comentei, tentando em vão puxar papo com Daxin.

Ele não respondeu.

— O Arauto? — eu continuei, apontando para a janela. — Deve ter levado pelo menos um mês para aprontarem esse aí.

Daxin se remexeu, desconfortável, no assento, evitando meu olhar.

— Aham — ele disse.

— O quê? — perguntei.

Não gostava da energia que ele me passava. E nunca o tinha visto antes. Mas Rapp sabia quem ele era, então não havia motivos para não confiar no sujeito.

— Nada — ele respondeu. — É que a gente ainda não sabe se aquilo é *mesmo* um Arauto.

Mistério e mau agouro. Que ótimo.

— Como assim? — eu insisti.

— Os Anciões estão há algum tempo fora do planeta, e nos últimos dias estão incomunicáveis.

Não consegui descobrir aonde ele estava tentando chegar.

— É, mas não é nada de mais, certo? Achei que eles ficavam muito tempo fora do planeta. Eles não passam um tempão fazendo aquele monte de coisas que os Anciões fazem e que nós nunca conseguimos entender?

— Claro — ele respondeu.

Mas pareceu cético. Então, algo me ocorreu.

— Isso tem alguma coisa a ver com o cancelamento da minha aula de engenharia hoje?

Daxin me deu uma olhadela, piscou e me encarou de novo. Sem dúvida minhas suspeitas estavam certas.

— Orkun e alguns conselheiros viajaram até a coluna — ele admitiu. — Para fazer uma averiguação, investigar. Provavelmente não é nada.

— Por que você está tão preocupado? Se a luz não é um Arauto, o que acha que é?

— Olhe, não se preocupe, está bem? Só tive um dia cansativo.

Eu afundei de volta em meu assento, um pouco irritado. Alguns dias antes, eu mal me importava com o que acontecia nos bastidores do conselho, com os Cêpan Mentores e as outras figuras da ADL, mas quando eu finalmente comecei a demonstrar algum interesse, me mandaram cuidar da minha vida. Era frustrante.

O Ovo iluminou alguns acres de floresta especialmente densa e aterrissou às margens do Kabarak de Malka. Daxin pulou para fora e imediatamente deu as costas à cerca do perímetro, se afastando de onde paramos.

Eu corri para alcançá-lo.

— Por que estamos caminhando? Por que não inserimos logo as coordenadas, se você sabia aonde iríamos?

Daxin respondeu sem reduzir a velocidade.

— Eu vim encontrar um Garde. O meu Garde.

Ah. Se Daxin havia sido promovido a Cêpan Mentor recentemente, dava para deduzir que seu mau humor talvez fosse puro nervosismo. A primeira reunião de um Cêpan Mentor com seu Garde é um negócio muito importante. O vínculo entre os dois é considerado quase sagrado — quase tão forte quanto o vínculo entre pais e filhos. E durava para vida inteira, mesmo depois que o Garde se tornava adulto e deixava de viver sob a tutela direta do Cêpan. Dava para entender que o primeiro encontro com alguém com quem se terá esse tipo de relação era algo capaz de fazer uma pessoa entrar em pânico.

Daxin continuou falando enquanto seguíamos pela trilha.

— O Garde foi criado pelo avô, e o avô tem uma razão para morar tão longe da cidade. Ele odeia tecnologia, transportes velozes. Sabe, gosta de tudo à moda antiga. Eu não quis surpreendê-lo com o barulho do motor.

Pouco a pouco, uma pequena cabana foi surgindo na nossa frente, seguida por uma figura que se aproximava velozmente. Corria bem na nossa direção.

Uma Chimæra.

Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, a Chimæra saltou e me atingiu em cheio, e fui derrubado de costas no chão.

A Chimæra assumira uma forma canina gigantesca e com dentes arreganhados. Botou para fora uma imensa língua canina, que envolveu todo o meu rosto em uma lambida áspera. Em segundos eu estava ensopado.

Chimæras são muito comuns na maior parte de Lorien, mas elas costumam ficar longe da cidade. Eu não levava uma lambida de uma criatura dessas desde que era criança, e já naquela época não era nada agradável.

— Byscoe! Byscoe! Quietos!

O animal respondeu de imediato ao som da voz do dono. Saltou de cima de mim, obediente, e correu pela estrada na direção da voz.

Daxin me lançou um olhar irônico, enquanto eu me levantava e me limpava. Um instante depois, Byscoe retornou com seu mestre, um rapazinho de sorriso largo, vestindo um traje característico da Garde ajustado ao corpo.

A pele e o cabelo do garoto estavam uma bagunça, cobertos de pó vermelho, e o branco dos olhos e dos dentes se destacavam sob a máscara de terra que cobria seu rosto. Ele agarrou um tufo do pelo de Byscoe e subiu na Chimæra com um pinote, sem medo algum. Muitas pessoas do interior agiam assim com os animais; eram criados com eles. Ainda assim, eu achava estranho. Mesmo quando assumiam formas felpudas e fofinhas, era difícil esquecer o quão poderosos eles eram na verdade.

— Oi — o garoto disse.

— Oi — Daxin respondeu, desajeitado.

Percebi que ele não sabia ao certo o que fazer em seguida.

Logo depois, um homem robusto saiu da cabana e veio caminhando pela estrada em nossa direção, sem pressa. Não tão sujo de terra quanto o garoto, ele estava vestido de forma modesta, calças folgadas de lona e alguns pingentes cerimoniais. Sua pele era queimada, ressecada e rachada pelos ventos longínquos.

— Olá — ele nos cumprimentou, a alguns passos de distância.

— Posso ajudar?

— Pode — Daxin respondeu. — Somos do Conselho de Defesa de Lorien. Fui designado Mentor de seu neto.

— Um pouco cedo — o homem disse, inclinando a cabeça. — O garoto ainda tem alguns anos até a tutela da ADL.

— Vovô? — perguntou o garoto, ainda montado na Chimæra.

O avô continuou encarando Daxin e ignorou o neto. Daxin parecia nervoso. Revirava desajeitadamente as dobras da túnica à procura de algo.

— No momento, não precisamos de nada do senhor além do consentimento para entregar isto a seu neto. — Daxin tirou um bracelete de dentro da túnica. Basicamente igual ao bracelete de identificação do governo que eu adulterara algumas semanas antes, porém maior. — Novo protocolo de segurança, só isso.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando — os protocolos da Garde e de seus Mentores definitivamente não era um assunto que eu já houvesse estudado —, mas imaginei que o CDL estava fazendo algum rastreamento de jovens Gardes.

O avô pareceu relutante, mas o garoto avançou correndo, montado em Byscoe, e apanhou o bracelete da mão de Daxin. Deu um salto triunfante de cima da Chimæra, deslizou o bracelete pelo pulso até o cotovelo, depois disparou pela estrada, levantando uma nuvem de poeira vermelha em seu encalço.

— É uma criança muito alegre — o avô afirmou.

Havia uma tristeza na forma como ele falou, algo que eu não soube identificar ao certo.

— Ele precisa usar o bracelete o tempo todo. — Daxin parecia ansioso em relação a essa questão. Pude notar sua preocupação. Uma coisa era o garoto usar o bracelete por diversão, como uma brincadeira, e outra era garantir que ele *continuasse* a usá-la. Daxin precisava contar com o avô. — É uma ordem.

— Compreendo — o senhor disse. Mas ficou parecendo que não compreendia.

Alguns minutos depois, estávamos de volta a nossos assentos no Ovo. Esperei que Daxin fornecesse nossas coordenadas seguintes. O dia já estava ficando longo demais, para não dizer muito esquisito. Na realidade, me peguei de fato *com vontade* de retornar à Academia.

Por um instante, Daxin ficou calado.

— Então? — perguntei por fim. — Vamos para casa ou o quê?

Antes que ele pudesse responder, seu módulo apitou, e ele baixou a cabeça para ler a mensagem. Fez uma careta e se voltou para mim.

— Faça um favor — ele pediu, estendendo o pulso. — Última etapa. Preciso sincronizar meu bracelete com o que acabamos de entregar ao garoto.

Peguei o pulso de Daxin e olhei para o bracelete de metal que o envolvia. A maioria dos braceletes de identificação era só braceletes — aros simples que continham todo o circuito dentro e se pareciam quase com uma joia comum. A de Daxin era diferente. Possuía uma pequena interface digital e alguns botões.

— Apenas aperte o botão preto enquanto inicio a sincronização — ele pediu.

Enquanto eu pressionava o botão, ele começou a digitar uns comandos no módulo de comunicação, que decerto estavam sendo retransmitidos ao bracelete de identificação.

— Difícil de manejar — eu disse.

— Demais — concordou Daxin, ainda digitando. — Desde que peguei esse bracelete e esse localizador mais desenvolvidos, tenho que tirá-lo do pulso todas as noites. É muito grande e pesado, e atrapalha para dormir.

Olhei para o bracelete no pulso de Daxin e o enxerguei com novos olhos. Não era mais um bracelete de identificação ou um localizador.

Era uma chave.

Naquela noite, me deitei no beliche antes do jantar, assimilando os eventos do dia. Não havia como negar que aquele lugar estava começando a me envolver. Um mês antes eu não me importaria em ver a rede em um estado tão deplorável. Um mês antes eu mal sabia o que *era* a rede, inclusive.

No entanto, naquela manhã, quando Devektra apareceu e me chamou de “uma dessas pessoas”, eu não a corriji. Na realidade, me senti quase insultado. Parecia que aquele lugar estava exercendo alguma influencia sobre mim.

Não podia dizer que achava isso bom. Eu deveria ser o tipo de cara que fazia o que queria e tirava as próprias opiniões. Não era uma pessoa engajada. As coisas não deviam simplesmente me *influenciar*.

— Bom trabalho hoje — Rapp disse, irrompendo no quarto para pegar uns livros em sua escrivaninha antes do jantar.

— Eu fui lento — retruquei. — Vou melhorar da próxima vez.

Rapp sacudiu a cabeça como se não pudesse acreditar.

— Ah, sei lá — ele disse. — Você age como se não desse a mínima, e de uma hora para outra se torna competitivo. Como foram as coisas com Daxin?

— Tudo bem — respondi. Parte de mim queria desabafar com Rapp e conversar sobre como a tarde havia sido estranha, mas algo fez com eu me contivesse. — E como foi o resto da manutenção da rede?

— Uma em cada três áreas que atendi estava com defeito. Nunca vi uma situação tão ruim.

Despertei ao ouvir isso. Ele também havia percebido o claro índice de deterioração.

— Você vai fazer alguma coisa a respeito? — eu perguntei, tentando parecer mais neutro do que me sentia.

— Tipo o quê? Já coloquei isso em meu relatório de trabalho. A Academia sabe, o conselho sabe. O restante do planeta é que está determinado a não fazer nada. Os kabarakianos não enxergam o valor de um sistema de defesa que só cobre a cidade e os deixa expostos. E metade da população da cidade acha que só fazemos

isso por diversão. Até onde eu me lembro, *você é* uma dessas pessoas, não?

Eu o ignorei.

— Se vamos fazer isso, é melhor fazermos direito. Certo? Senão, isso tudo de fato é perda de tempo.

Rapp foi jantar, mas eu fiquei no quarto, pensando no show do Quarto Crescente na Chimæra e no bracelete de identificação de Daxin na mesinha de cabeceira, prontinha para o abate.

Pensei em Devektra. E descobri do que precisava para pôr minha cabeça em ordem. De uma festa.

CAPÍTULO

OTTO

À medida que o Quarto Crescente ia se aproximando, eu estava quase começando a gostar da Academia. Ainda não era o meu ideal de lar, mas pelo menos eu estava me adaptando. Depois que parei de bancar o idiota nas aulas de engenharia, elas começaram a ficar divertidas. E, embora não soubesse quando isso havia acontecido, comecei a notar que Rapp e eu éramos, tipo, amigos.

Eu ainda odiava as túnicas, e ainda odiava a forma como todos se levavam a sério por lá. Mas agora eu compreendia. Era preciso acreditar em *alguma coisa*.

Ainda me sentia meio preso, mas já não parecia tão interminável. Porque agora finalmente tinha uma motivação: o show de Devektra na Chimæra. Eu ia dispensar a túnica abominável, sair às escondidas do campus e *entrar* às escondidas na boate.

Sim, eu sabia que se fosse pego nenhuma de minhas habilidades técnicas nem toda a humilhação do mundo me poupariam de um destino ainda pior do que o Kabarak. E também sabia que, para começar, Devektra sequer tinha me convidado de verdade.

Nada disso importava. Em primeiro lugar, eu não seria pego. Em segundo, não importava se Devektra tinha ou não sido totalmente sincera. Ela havia me convidado sabendo que eu não tinha a menor chance de comparecer. Imaginei que se eu conseguisse o impossível, ela ficaria impressionada.

Era uma grande missão, mas eu estava preparado. Planejá-la foi minha principal fonte de diversão desde que retornei da viagem com Daxin. Eu até tirei da cabeça a angustiante sensação de que

deixara passar alguma coisa — de que algo não estava indo muito bem.

A primeira coisa que fiz foi examinar o esquema de segurança noturna da Academia. Isso não foi tão difícil, pois acontece que não havia nenhum sistema. Não era permitido que os estudantes deixassem a área depois que escurecia, mas todos ali eram tão entediados e corretos que ninguém se dava o trabalho de fiscalizar.

Não havia vigias, nem câmeras, nem sensores, nem nada. Eles não deixavam isso exatamente claro, mas todo o sistema era baseado na confiança.

A parte mais complicada de meu plano seria Daxin. Eu o andara espionando um pouco e acabei descobrindo que ele ocupava um quarto individual no final do meu corredor e tinha o hábito de ir para a cama cedo. Por um instante me preocupei em saber se Daxin, na qualidade de Cêpan Mentor ativo, teria o privilégio de poder trancar a porta do quarto. Mas, na noite anterior ao Quarto Crescente, escapuli de meu quarto à meia-noite, me esgueirei pelo corredor e, em silêncio, tentei girar a maçaneta. A porta se abriu sem qualquer resistência.

Depois de tentar escutar cuidadosamente o barulho do ronco de Daxin, rastejei pelo quarto e me aproximei de sua cama. Lá estava: seu bracelete de identificação repousava bem ali perto do travesseiro, e Daxin estava enrolado ao lado dele, desmaiado de sono, alheio à minha presença. Aquilo seria fácil. Na noite seguinte eu entraria furtivamente, surrupiaria o bracelete de identificação, confiscaria o Ovo no hangar de transporte — eu já havia secretamente pré-ajustado a hora e as coordenadas para a decolagem — e partiria rumo à Chimæra para a apresentação de Devetra. Depois, voltaria escondido, devolveria o Ovo ao hangar e recolocaria o bracelete de Daxin perto de seu travesseiro, e ninguém sequer notaria minha ausência. Fuga, tramoia, armação: tudo igualzinho aos bons e velhos tempos.

O sábado do Quarto Crescente já era o melhor dia de todos: metade do tempo de aulas, seguido de um treino rápido no ginásio e um jantar cedinho no refeitório. Um dos professores

havia autorizado uma projeção, durante a refeição, da transmissão interceptada por satélite de um espetáculo visual do planeta Terra.

No geral, aquele devia ser uma droga de lugar para viver, mas sem dúvida o pessoal de lá entendia de entretenimento visual. Embora fosse uma transmissão apenas de vídeo, eu já havia assistido a diversas transmissões interceptadas da Terra e não tinha dificuldade em acompanhar a história.

Não era assim tão complicado. Nem um pouco. Um homem bem vestido viajava pelo mundo, conhecia belas mulheres, se disfarçava para recuperar objetos valiosos, perseguia e era perseguido por caras malvados.

Enquanto assistia, eu pensava: *Um dia, quero ser como ele.*

Então, colocando mais um pedaço da sobremesa na boca e sorrindo para a tela, percebi que eu já era.



Pilotar o Ovo era um sonho.

Apesar do nome bobo, era uma máquina *sexy* e glamorosa, especialmente atrás do volante — não muito diferente dos veículos do filme terráqueo que eu tinha visto mais cedo naquele dia. Eu o havia programado para que a viagem começasse ao meu comando, mas, depois de chegar ao hangar e pular para dentro do veículo, me ocorreu que isso criaria um histórico de rota que poderia me incriminar no futuro; portanto, assim que liguei o motor, apaguei as coordenadas e iniciei manualmente a viagem à Capital. Voando para fora do hangar e passando por Kabarak de Alwon, agradei por ter tomado aquela decisão: pilotar o Ovo era muito mais divertido do que ficar reclinado e deixar o veículo fazer todo o trabalho sozinho.

Enquanto o campus da ADL estava quieto e tranquilo àquela hora — como a qualquer outra hora, na realidade —, o Kabarak estava a todo o vapor para as festividades do Quarto Crescente, quando passei por ele. As Chimæras haviam sido libertadas de suas jaulas e brincavam, soltas, e os kabarakianos se reuniam ao

redor de fogueiras na escuridão, rindo, dançando, soltando fogos de artifício e balançando estrelinhas luminosas. Eu sabia que lá embaixo, de Alwon a Tarakas, de Deloon aos Territórios Longínquos, as pessoas celebrariam até o amanhecer.

No entanto, as paisagens e o barulho dos festejos diminuíram quando cruzei a fronteira da cidade, onde o feriado do Quarto Crescente era comemorado com menos entusiasmo.

Com uma das mãos no volante, tirei a túnica e a joguei no banco do carona, revelando a camiseta Kalvaka contrabandeada que eu usava por baixo. Eu ainda vestia o que Devektra chamara de calças de pijama, mas sem a túnica não eram assim tão horrendas. Em meu pulso, o volume do bracelete de identificação de Daxin fazia um contraste chamativo com o restante de minha indumentária.

No geral, eu estava bem bonito. Não que meu visual importasse tanto assim. O principal era que eu havia conseguido sair.

Minha fuga ocorreu de forma tão tranquila, que quase me senti culpado. Passei a perna em tanta gente na ADL, e ninguém teve qualquer motivo para suspeitar que minha mudança de atitude era em grande parte devido ao planejamento e à execução de uma grande trapaça. Mas antes que eu pudesse sucumbir à culpa ou ao arrependimento, fui distraído pelos Pináculos de Elkin no horizonte, iluminados pela misteriosa coluna branca que surgia por trás deles. Dessa vez, não lhes dei a menor atenção. Estava chegando.

Pilotar o Ovo era um sonho.

Na Chimæra, o bracelete de identificação funcionou perfeitamente. Ninguém sequer me olhou torto quando entrei. Eu quase me senti ofendido. Será que haviam se esquecido tão rápido de mim?

Talvez eles só não me reconhecessem mais. Eu me sentia mais confiante do que nunca, uma pessoa totalmente diferente daquela que, ao primeiro sinal de problemas, saía empurrando a multidão como um garotinho assustado, apenas algumas semanas antes. Não havia mesmo passado muito tempo, mas eu me sentia muito mais maduro desde então.

A boate estava cheia naquela noite, com quase o dobro de pessoas que tinha visto da última vez que estive ali, e isso significava muito. A presença de Devektra semanas antes fora uma surpresa, mas aquele show do Quarto Crescente havia sido amplamente divulgado, por isso atraía um público ainda maior. Eu vi uma em cada cinco pessoas do público usando uma camiseta de Devektra customizada. A Chimæra era de longe a maior boate de Lorien, e tinha atingido sua lotação máxima. Senti uma onda de orgulho. Sabia que Devektra era uma grande estrela e tudo o mais, mas até então não fazia ideia do *tamanho* de seu sucesso. E eu a conhecia. Quase podia dizer que éramos amigos.

— Ora, ora.

Eu me virei e vi Paxton e Teev segurando ampolas pela metade e olhando para mim com sorrisos largos e bem-humorados.

— Olha só quem não desiste nunca — Teev disse, me cumprimentando com um abraço. — Depois que vimos você ser pego da última vez, achamos que nunca mais o veríamos.

Eu apenas dei de ombros e abri meu sorriso mais evasivo, e, pela primeira vez, eles olharam para mim como se estivessem mesmo um tanto impressionados.

Eu estava prestes a parabenizar a mim mesmo, quando ouvi uma voz familiar.

— Ouvi dizer que você tinha arrumado um jeito de entrar.

Eu me virei e vi Mirkl, o braço direito eternamente irritado de Devektra, parado atrás de mim, segurando uma ampola em cada mão. Ele me olhou de cima a baixo com o olhar previsivelmente impaciente.

— Oi, Mirkl — eu cumprimentei, com o tom mais casual que consegui.

Meu coração esmurrava o peito por saber que, se Mirkl veio falar comigo, eu estava a um passo de ver Devektra de novo. Mas banquei o indiferente, por causa de Teev e Paxton. Queria que eles pensassem que eu não achava nada de mais ter intimidade com um integrante da equipe da artista principal. Dei uma olhada neles e vi que me encaravam, espantados. Missão cumprida.

— Devektra quer ver você — Mirkl informou.

Por mais que tudo estivesse dando certo, eu não esperava que fosse assim *tão* fácil. Como Devektra poderia sequer saber que eu estava ali?

Mirkl deve ter notado minha expressão de surpresa.

— Telepatia, lembra? Truquezinho bacana. Acho que você sabe onde fica o camarim. Aqui. Leve isto para ela.

Ele empurrou as ampolas em minhas mãos e foi embora.

— Você não vem? — eu perguntei a ele, repentinamente nervoso de adentrar o camarim de Devektra sozinho. Parecia bom demais para ser verdade. Com Devektra, nunca se sabe onde se está se metendo.

Ele virou a cabeça, olhou por cima do ombro e acenou com a mão, me dispensando.

— Estou de folga. Essas ampolas eram minha última tarefa até a hora do show. — Ele me deu um sorriso irônico. — Ela é toda sua.

Em seguida, desapareceu em meio à multidão.



Devektra encarava seu reflexo no espelho da penteadeira, de costas para a porta. Ela usava calças metalizadas vermelhas coladas ao corpo e um *top* cintilante feito de um material líquido que eu nunca tinha visto. Uma blusa por cima escorria pelas curvas de seu corpo em cascatas, enquanto ela permanecia de pé, olhando para a frente e massageando suavemente as têmporas com os dedos. Não reparou em mim.

Porém, sabia que eu estava ali — da última vez que estive naquela sala, precisei voar pela porta com toda a força. Dessa vez, sequer precisei bater. A porta simplesmente se abriu quando me aproximei segurando as ampolas que Mirkl me dera para entregar a ela. De repente, me ocorreu que talvez Devektra tivesse usado sua telecinesia para me “ajudar” a arrombar a porta da última vez, também.

Era irônico que eu me sentisse mais confortável arrombando uma porta e derrubando uma pilha inteira de roupas para entrar do que apenas andando. Fiquei parado ali, um pouco mais do que constrangido, enquanto Devektra se olhava no espelho e massageava a testa.

— Você trouxe? — ela perguntou sem se virar.

— Aham — respondi.

Caminhei até ela e lhe entreguei uma ampola. Ela pegou, virou de um gole só, estendeu a mão para a segunda e fez a mesma coisa. Ainda não havia se dado o trabalho de olhar para mim.

Quando jogou o segundo frasco vazio no chão, entendi o que ela queria. Tive que segurar uma risada. Pelo menos uma vez na vida, era eu quem sabia o que ela estava pensando, e não o contrário. Ou, pelo menos, sabia o que ela estava sentindo. Não era preciso ser telepata para descobrir.

— Uau. Você está mesmo nervosa — eu disse.

— E daí? — Ela enfim desviou a atenção do espelho e fixou os olhos nos meus. Seu olhar era como aço, mas sob a rigidez eu enxerguei um traço de medo. De vulnerabilidade. — Quem não estaria?

— Você não estava nervosa da última vez — argumentei. — Eu nem sabia que você *ficava* nervosa. Pensei que não fosse do seu feitio.

— Da última vez foi diferente.

— Por quê?

— Porque foi — ela disse. — Era um público menor. Não era o Quarto Crescente. Era simplesmente diferente. Além do mais, tem alguma coisa hoje. Não sei o que é. Acho que estou com um mau pressentimento.

— É só nervosismo.

— Eu sei. Vai ficar tudo bem.

Então, foi como se eu não estivesse mais lá. Devektra voltou a atenção para si mesma enquanto passava os dedos pelos cabelos, começando a amontoá-los com delicadeza, um cacho de cada vez, no topo da cabeça. Cada mecha cuidadosamente arrumada e presa

conseguia ficar perfeitamente no lugar. Ela parecia mais assustada do que nunca.

Eu não sabia o que dizer, então decidi tentar algo diferente. Resolvi não falar. Em voz alta, pelo menos.

Como isso funciona?, pensei. Você consegue escutar tudo o que eu penso? E as pessoas lá fora? Você consegue escutá-las? E o resto do planeta? Você consegue escutar todo mundo?

Os lábios de Devektra não se moveram, mas ela me respondeu mesmo assim com uma voz que escutei dentro de minha cabeça, que era dela e ao mesmo tempo não era.

É como estar afundada até o quadril em um rio de fluxo intenso e tentar pegar um milhão de folhinhas minúsculas que passam flutuando por você. Algumas você pega. A maioria, não.

Você me convidou para vir aqui hoje e exigiu a minha presença no camarim. Mas por que eu?, quis saber. O que eu significo para você? Você é Devektra. Eu sou um ninguém de túnica verde.

Não. Você é como eu. Você é diferente. Nenhum de nós dois se encaixa neste mundo. Soube disso assim que o conheci. Antes de conhecê-lo, eu já sabia.

Eu senti você lá fora, no meio daquela multidão, na primeira noite. Todas aquelas pessoas e seus pensamentos passaram zunindo por mim. Exceto os seus. Os seus simplesmente borbulhavam, e eu consegui alcançar e puxar cada um, como se cada medo e esperança que você tivesse fossem destinados a mim. Parecia que você estava cantando.

Mas e hoje? Eu tinha que saber. Por que estou aqui agora?

Eu sabia que você faria eu me sentir menos sozinha. Principalmente hoje. Posso sentir que algo terrível está prestes a acontecer.

Eu olhei em volta. Devektra encarava meu reflexo no espelho. Tinha o olhar mais estranho em seu rosto, ao mesmo tempo tranquilo e surpreso. Algo me dizia que ela nunca havia feito aquilo antes. Nunca usara seu Legado para conversar com alguém em silêncio dessa forma.

Eu soube, então, sem compreender como, que talvez aquela fosse a única chance que eu teria. Inclinei-me, fechei os olhos e a beijei. Devektra tinha lábios macios e um perfume que eu reconhecia, mas não sabia descrever, nem para mim mesmo. Seus lábios tinham um gosto que eu provara em algum sonho, um desses que se esquece assim que se acorda.

Quando abri os olhos, ela não estava mais lá.

CAPÍTULO

NOVE

— Deloon nesta época do ano é uma *desgraça* — o sujeito comentou. — Eu não iria nem por todo o dinheiro do mundo.

— Sem dúvida, cara — eu disse, embora jamais tivesse pisado em Deloon. Realmente não queria discutir.

Eu fiquei no mezanino acima do palco com Mirkl e o resto da equipe, esperando o show de Devektra começar. Ela estava atrasada, mas a maioria das pessoas no balcão se mostrava bastante animada, e ninguém parecia impaciente. Muito menos eu.

Em vez disso, eu só me sentia estranho. Tonto e eufórico. Não sabia aonde Devektra tinha ido depois de me deixar, mas, mesmo depois de seu aviso — *algo terrível está prestes a acontecer* —, eu não estava preocupado com ela. Minha cabeça ainda estava zumbindo, rodopiando por dentro.

Nosso beijo tinha sido incrível. Mas foi a conexão telepática que compartilhamos que me deixou desnordeado. Falando apenas através de nossas mentes, conseguimos nos comunicar em um nível mais puro — mais real — do que qualquer coisa que eu já havia vivenciado. Nenhum beijo se comparava a isso.

Enfim, as luzes da boate diminuíram, e enquanto isso um ponto de luz branca surgiu bem no centro do palco, em uma forma oval ofuscante. Cada um dos presentes ficou com o olhar fixo na luz. Todos prenderam a respiração, esperando o que viria em seguida.

Então, ouviu-se um som, um sibilo fraco, frágil e melancólico. Parecia vir de dentro da pequena poça de luz. À medida que o sibilo crescia em volume e intensidade — sem jamais perder a

bela fragilidade —, o ponto de luz começou a se inclinar e se curvar, como se estivesse prestes a se quebrar.

Onde estava Devektra? Pareceu que ela estava em algum lugar no interior daquele ponto de luz.

A luz continuou a subir do chão do palco, e a voz em seu interior ficou ainda mais intensa. Depois cessou, pairando exatamente no centro da boate, a apenas alguns metros de onde eu estava, na beira do mezanino. Era tão brilhante que os olhos doíam, mas eu não conseguia desviar o olhar.

O volume e a intensidade aumentavam cada vez mais. Alguns espectadores protegiam os ouvidos da perfuração sônica de Devektra. Mas ainda assim ninguém se atreveu a parar de olhar para a esfera de luz.

Então, explodiu.

De repente, havia luz por toda parte. Não restava uma sombra sequer na boate normalmente escura. As pessoas se viraram, atordoadas, olhando umas para as outras com novos olhos. Cada poro em seus rostos estava exposto, iluminado. O som da voz de Devektra também havia se despedaçado em uma cascata de pequenos tilintares, que ressoavam no mesmo volume em todos os cantos da boate.

— Lá está ela — uma voz anunciou, na multidão.

Devektra estava de pé sobre a plateia. Sua plateia. Não no palco, mas no topo do bar próximo à entrada. Os tilintares evaporaram como fumaça.

Ela estivera projetando a voz — e moldando-a dentro da esfera de luz — o tempo inteiro. Enquanto isso, ninguém havia notado que ela estava em outro lugar.

Foi incrível. E era só o começo.

Devektra deu um passo à frente, saiu do bar e caminhou pela plateia em direção ao palco. Em circunstância normais, a plateia estaria berrando e se acotovelando para correr para a frente e ficar mais perto da artista. Mas todos se afastaram para dar abrir caminho para ela, ainda admirados com o que haviam acabado de presenciar.

Ela começou a cantar. Sem microfone, sem amplificador, sem a ajuda de Legados. Apenas cantava. Ninguém na plateia emitia o menor som. Sua voz era límpida como cristal.

Aquele não era um de seus números de dança de sempre. Era uma canção simples e triste. Eu quase não entendia as palavras, mas sabia que era uma canção sobre amor e perda. Ela subiu no palco sem parar de cantar, e então se voltou para a plateia, os olhos cheios de lágrimas.

Fui arrebatado. Fiquei me perguntando sobre o que ela estaria cantando. Não pude deixar de imaginar que podia ser sobre mim.

Na verdade, não precisava imaginar. Eu sabia. Era sobre mim, mas não era. Ela estava cantando *para* mim. A tristeza que aquela canção trazia era maior do que um ou outro lorieno: era tão grande quanto o próprio planeta. Era uma canção para Lorien.

Por mais extasiado que eu estivesse, dei um pulo ao sentir algo vibrar em meu pulso. Olhei para baixo, surpreso, me esquecendo de que ainda usava o bracelete de identificação de Daxin. Ela tremia e chiava com insistência. Eu o silencieei e me virei de volta para o palco.

Devektra ainda cantava, com os olhos fechados.

O bracelete vibrou mais uma vez.

Eu o tirei do pulso para examiná-lo, para descobrir por que tremia com tamanha urgência. Quando coloquei o bracelete nas mãos, a vibração chegava aos ossos dos dedos. Verifiquei a interface digital; a pequena tela retangular piscava com apenas uma palavra: “Alerta”.

O pânico começou a crescer em meu peito. Talvez Daxin tivesse acordado, dado pela falta do bracelete de identificação e disparado algum tipo de alarme. Talvez eu tivesse sido pego.

Não. De alguma forma, eu sabia que o alerta sinalizava algo muito pior do que isso. Pensei no painel de controle do lado de fora da boate algumas semanas antes e no estado deplorável da rede. Pensei em Daxin no Ovo, agindo como se algo estivesse gravemente errado. Pensei na inexplicável coluna de luz. E pensei na Profecia dos Anciões que passei a vida inteira ignorando.

Um dia, uma grande ameaça surgirá...

E pensei em Devektra: “Algo terrível está prestes a acontecer.” Meus joelhos vacilaram. Olhei para cima e a ouvi terminar sua bela canção.

Devektra fechou a boca. A música acabou. A plateia segurou os aplausos, com medo de quebrar o encanto.

Então, o teto veio abaixo.

CAPÍTULO

DEZ

Ao recobrar a consciência, avaliei a situação.

Escuridão.

Silêncio.

E — lá estava — dor.

Eu me forcei a levantar em meio à escuridão, tateando à minha frente às cegas. Senti-me esmagado, meu próprio sangue molhava as palmas de minhas mãos, a sensação pungente causada pela fumaça atingia meus olhos ainda incapazes de enxergar.

A audição voltou mais depressa do que a visão. Havia um zumbido em meus ouvidos, o extremo oposto da emoção hipnótica e libertadora da canção de Devektra. Era violento, ensurdecedor.

Em agonia, apertei a cabeça para repeli-lo, mas a dor não parava de aumentar.

A boate havia sido bombardeada.

Então, outros sons emergiram junto ao zumbido agudo.

Gemidos. Gritos. Choro.

Virei a cabeça para a esquerda e para a direita, tentando encontrar algum ponto de luz, alguma coisa que me ajudasse a entender o que acabara de acontecer.

Foi quando vi o fogo subindo pela parede da entrada, ainda fraco, porém se alastrando.

Só quando tentei ficar de pé percebi que estava no primeiro andar da boate, não no mezanino. Virei e vi que o balcão inteiro havia sido arrancado de sua estrutura e estilhaçado como porcelana bem no chão da boate.

Não, eu pensei. Não.

Não apenas no chão da boate. Em cima de uma massa de espectadores esmagados. Já estavam todos mortos.

O palco estava intacto, assim como a outra metade da pista de dança, que não fora soterrada pela queda do mezanino. Mas as pessoas ali não foram poupadas. A força da explosão somada aos estilhaços do teto despedaçado matou a maior parte da plateia que não havia sido esmagada. Corpos se amontoavam no chão, enquanto sobreviventes ensanguentados e atordoados lutavam para caminhar em meio ao mar de cadáveres.

Minha perna estava presa, comprimida entre duas pedras. Temi que estivesse quebrada ou pior. Mas eu precisava me levantar.

Devektra, pensei. Tinha que saber se ela estava bem.

Contorci meu corpo sob os escombros, mas ele não ia ceder. Olhei ao redor, procurando algo que pudesse usar para sair dali.

Foi quando vi o sujeito com quem estava conversando apenas alguns minutos antes, o cara que não gostava de Deloon naquela época do ano. Ele estava estirado no chão, e o balcão sob ele era um quebra-cabeças desmontado. Seus olhos estavam arregalados, e o corpo, incrivelmente intacto, exceto pela mandíbula, que havia sido deslocada pelos estilhaços.

Desviei os olhos da cena assustadora e senti uma mão em meu ombro. Era Mirkl, de pé ao meu lado, com um olhar horrorizado e coberto de poeira, mas aparentemente ileso.

— Ajuda?

Em minha confusão, congelei, incapaz de decidir se ele estava oferecendo ou pedindo ajuda.

Mirkl não esperou que eu entendesse. Rastejou até onde eu estava e olhou ao redor, escolhendo qual pedra levantar para me libertar. Seus braços finos pareciam fracos, mas, quando encontrou o bloco que prendia minha perna, ele o puxou como se fosse nada.

Olhei para o meu joelho. Estava ensanguentado e contundido, mas não quebrado. Eu ficaria bem.

Sem saber de onde tirei forças, eu me levantei, primeiro sobre a perna forte e depois com a fraca e formigante, e fui cambaleando

sobre o piso irregular de escombros. Virei-me para agradecer a Mirkl. Ele já havia desaparecido em meio às lamúrias, aos gritos e ao silêncio atordoado da massa de sobreviventes.

Olhei na direção da entrada. *Não* havia mais entrada. As portas e toda a parede da frente da boate agora eram nada mais do que um lancinante inferno cor de laranja. O suor pinicava minha testa.

A saída de emergência. Era a única forma de sair. Ou, pelo menos, seria. A saída de emergência só era acessível pelo andar de cima.

Senti toda a esperança evaporar de dentro de mim.

Então, vi alguns sobreviventes se amontoando na base da parede abaixo da saída de emergência. Apesar do desabamento do balcão, a estrutura, alguns pedaços de concreto e algumas vigas permaneciam embaixo da saída. Era o suficiente. Ou quase. Os sobreviventes escalavam a parede apressados, agarrando quaisquer pontos de apoio que conseguiam e içando seus corpos para fora da boate em chamas.

Eu estava dividido. Sabia que era preciso correr para salvar minha vida, mas mesmo assim não conseguia. Queria encontrar Devektra.

Ainda tentava tomar minha decisão quando vi suas brilhantes calças vermelhas subindo pela parede em direção à saída. Depois de tudo aquilo, ela não pensou duas vezes antes de aproveitar a primeira oportunidade de se salvar. Será que nem passou por sua cabeça me procurar?

Agora, nada me prendia àquele lugar. Corri até a multidão na base da parede. Tentei resistir a dar uma última olhada para a boate enfumaçada, ensanguentada e destruída. *Não olhe para trás.*

Mas eu olhei, e meus olhos bateram direto nele.

Paxton. Estava vivo, mas agachado no chão, desesperado, se balançando para a frente e para trás.

Eu sabia que estava sendo um idiota, mas não me importei: sem pensar duas vezes, abandonei meu lugar no fim da fila e corri para ajudá-lo. À medida que me aproximava, entendi porque ele desistira. A seus pés, esmagada pelo concreto, estava Teev.

Agarrei a mão dele e tentei puxá-lo em direção à saída, mas ele não se moveu.

Seu olhar encontrou o meu.

— Ela está presa — ele disse. — Teev. Precisamos soltá-la.

Eu nem precisei olhar para baixo para saber que Teev estava morta. Paxton, no entanto, não percebia isso.

— Eu lamento muito — eu disse. — Mas não temos tempo. Precisamos ir agora.

Lentamente, ele começou a se afastar do corpo da garota por quem um dia eu tivera uma queda, a garota a quem ele amava. Eu o empurrei para a frente por cima dos escombros no mezanino, tentando não pensar nos cadáveres de todos os lorienos mutilados e ensanguentados sob a pedra.

Éramos os últimos diante da parede. Enquanto empurrava Paxton para cima e para fora, avistei o bracelete de Daxin emergindo dos escombros, a alguns metros de distância. Eu devia ter deixado o bracelete cair quando o teto cedeu e o balcão desmoronou. A fumaça estava tomando conta, e as chamas quase alcançavam a saída, mas mesmo assim eu me arrisquei novamente.

Dei um salto para pegá-lo.

Coloquei o bracelete de volta, escalei a parede e me arrastei noite afora.



Na rua, uma mulher ensanguentada em roupas esfarrapadas caminhava, errante, por entre os sobreviventes.

— Devektra tentou nos matar! — ela gritava. — Foi Devektra quem fez isso!

Ela estava claramente histérica, e a maioria das pessoas reunidas à sua volta estava chocada demais com a explosão para lhe dar muita atenção. Alguns, no entanto, pareciam assentir com a cabeça.

Só naquele momento o choque me atingiu. Havia algo na quietude — na *normalidade* — da rua do lado de fora da boate que me fez compreender de verdade o horror do qual havia acabado de escapar.

O bracelete vibrava novamente em meu pulso novamente. ALERTA ALERTA ALERTA.

Devektra não estava entre os sobreviventes. Ela não hesitara por um segundo sequer, nem havia parado para ajudar ninguém. Ela balançara o traseiro vermelho-brilhante para fora dali.

Ainda assim, apesar da gritaria da mulher e dos murmúrios silenciosos da multidão, eu sabia que Devektra não havia sido responsável pela explosão. Ela inclusive tentara me alertar sobre isso, mais ou menos. À sua maneira, ela tentara avisar a todos nós. Com aquela canção. Ela só não sabia disso. Acho que não.

Não fora ela. *Eles estavam certos o tempo todo*, pensei.

Tudo o que eu havia aprendido na ADL. A rede. A Profecia. Nosso dever sagrado de proteger nosso planeta perfeito. Tudo era verdade. No fim das contas, havia alguma força disposta e capaz de destruir todo o nosso planeta. Aquele foi o primeiro golpe.

Um veículo Muni estava estacionado em fila dupla do lado de fora da boate, e seu motorista corria para socorrer as vítimas. Eu subi na lateral do caminhão para ter uma visão mais ampla da cidade.

Era como eu temia.

A cada ponto do horizonte que eu olhava, avistava mais um marco simbólico destruído. A Arena Norte. Minha antiga escola. Tudo estava pegando fogo.

Eu me virei para o outro lado. Não havia fumaça, mas os Pináculos de Elkin, a maior estrutura de Lorien e casa de quase um terço da população da cidade, também estavam destruídos, deixando um doloroso vazio no horizonte. Sem nada à frente, vi a coluna de luz branca pulsando perversamente no horizonte.

Aquilo não era “Arauto” nenhum.

Em uma epifania, enxerguei tudo claramente. Se ao menos eu não estivesse tão convencido de que todos na ADL eram idiotas egocêntricos, teria percebido tudo muito antes. Era óbvio naquele

momento: a coluna de luz era a responsável pelo colapso na rede. Quem quer que estivesse nos atacando provavelmente sabia da falha na rede e enviara aquela luz para destruir nossa única forma mecânica de proteção. Estivera esgotando nossas defesas o tempo todo.

Apoiei a cabeça nas mãos, o coração retumbando no peito. Os invasores haviam enviado mísseis através das falhas na rede, mirando estruturas grandes como a Chimæra e os Pináculos. Eu acabara de substituir a fiação daquele setor alguns dias antes, mas as áreas de segurança eram interdependentes, e eu sabia que havia falhas por toda a cidade. Estávamos desprotegidos.

Era a noite mais clara que eu vira nos últimos tempos. Não havia nenhuma nuvem. Apenas fumaça, chamas e a luz azul-brilhante do Quarto Crescente.

Eu não podia mais aguentar. Pulei do veículo e corri até o Ovo, que encontrei estacionado no local exato onde eu o havia deixado. Por mais incrível que fosse, estava intacto.

Precisava retornar à Academia — ou ao que quer que houvesse sobrado dela. Precisava explicar minha teoria a quem quisesse escutá-la. Com certeza o conselho e os outros membros da Academia haviam sido informados dos ataques à cidade, e Daxin devia estar acordado, imaginando onde estaria seu bracelete de identificação.

Quando abri a porta do Ovo, ouvi uma voz.

— Sandor.

Eu me virei. Vi Devektra e Mirkl parados em meio às sombras. Nunca tinha visto Devektra tão perdida, nem mesmo durante seu pequeno ataque de pânico antes do show. Toda a raiva e o sentimento de traição que senti por ela alguns minutos antes desapareceram no instante em que caímos um nos braços do outro.

Depois de um momento, ela me afastou e sacudiu a cabeça com tristeza.

— Eu só vim me despedir. Sei que não nos veremos mais. Seja lá o que isso for, Sandor, é ruim. É a coisa sobre a qual eles nos

alertaram. Vou tentar encontrar alguns amigos Gardes, e faremos tudo o que for possível para impedir isso.

Mirkl ficou parado ali o tempo todo, mas olhava para a frente com uma expressão triste. Qualquer força que ele tinha dentro de si parecia ter se esvaído.

— Deixe-me ir junto — eu pedi. — Posso ajudar.

Devektra balançou a cabeça.

— Não. Temos que fazer isso sozinhos. — Ela olhou para o bracelete em meu braço. — Há pessoas que precisam de você agora mais do que eu.

Ela tinha razão, mas eu não estava pronto. Ainda não. Lágrimas rolavam dos meus olhos. Tentei lutar contra elas. Não havia tempo para chorar.

— Por que você me deixou lá? — Eu sabia a resposta. Mas não importava. Precisava perguntar.

Devektra pôs o dedo em meus lábios, como se dissesse *preste bastante atenção*.

— Fugi porque tive medo, Sandor — ela disse. Pelo menos, acho que ela disse. — Nunca fomos perfeitos. A perfeição não existe. Mas não é tarde demais para nós. Ainda podemos ser bons.

CAPÍTULO

ONZE

Programei o Ovo para me levar de volta à ADL no piloto automático. No banco do motorista, cruzei os braços e fiquei olhando para a frente. Não queria ver a destruição ao passar por minha escola carbonizada ou pelos outros monumentos em ruínas de minha cidade natal.

No entanto, mesmo com a visão obstruída, não pude deixar de notar a fumaça oriunda dos Jardins dos Anciãos.

Deve haver centenas de mortos, pensei.

Fechei os olhos. Não queria pensar nisso. Só desejava voltar à ADL para ajudar.

Quando o Ovo passou por Alwon, abri os olhos. As Chimæras ainda brincavam à luz da fogueira, e os kabarakianos celebravam juntos, alegres. Estavam alheios à destruição que ocorrera no lado oeste. Não demoraria muito até que descobrissem.

A primeira coisa que eu precisava fazer era garantir que os oficiais e integrantes do conselho da Academia estavam cientes do ataque à cidade. Eu tinha certeza de que estavam, mas mesmo assim era possível que eu desse alguma informação em primeira mão que fosse importante de alguma maneira. Confessaria a fuga e contaria a eles sobre minha experiência na hora do ataque. E compartilharia minha teoria de que a coluna de luz era algum tipo de investida com a intenção de desarmar a rede antes do ataque de mísseis que dizimara nossa cidade.

Feito isso, eu localizaria Daxin, pediria desculpas por pegar seu bracelete de identificação e o devolveria a ele.

Depois, Rapp. Eu precisava me certificar de que ele estava bem.

Antes de ver, eu senti o cheiro. Um odor de poeira e cobre, forte o bastante para me atingir através os avançados filtros de ar do Ovo.

A primeira coisa que vi, na realidade, foi uma ausência: o prédio da ADL, o hangar e a câmara do conselho atrás dele geralmente eram encobertos por luzes de segurança. Porém, à medida que o Ovo foi se aproximando das coordenadas da Academia, não vi nada além de escuridão.

A Academia havia sido atingida.

Com um ruído, o Ovo aterrissou em meio às trevas. JORNADA COMPLETA dizia o monitor do painel. Atordoadado, desci do veículo e adentrei a sinistra escuridão da noite.

Conforme meus olhos foram se ajustando, comecei a perceber pequeninos fragmentos de luz no chão.

Estava tudo acabado. Reduzido a pó. Toda a estrutura havia sido empurrada para dentro do solo por uma arma que não se parecia com nada que eu já houvesse imaginado. O campus inteiro fora esmagado e derretido ao mesmo tempo. Os fragmentos de luz esverdeada que eu estava olhando eram as pontas fumegantes da panqueca negra e tóxica que cobria a superfície de Lorien.

Outras centenas, pensei, cambaleando para a frente e para trás por sobre a crosta negra, procurando, sem sucesso, alguma parte do campus que não estivesse destruída. Meus professores. Os estudantes de tecnologia. Os Cêpans Mentores em treinamento e os residentes. Todas aquelas crianças da Garde.

Orkun.

Daxin.

Rapp.

Desabei de joelhos sobre a crosta. Era quente e cinzenta, mas surpreendentemente macia. Desta vez, eu me permiti chorar.

Como pude deixar isso acontecer?, pensei.

A fumaça que emanava da crosta — decerto vapores químicos provenientes da bomba misturados ao entulho formado pela destruição da Academia — queimava minha garganta e meus olhos. Eu fiquei parado.

Que eles me matem, pensei.

Eu não tinha plano algum, nenhuma casa para onde retornar.

Poderia ir para a casa de meus pais. Deloon, uma cidade menor que ficava do outro lado do planeta, provavelmente estaria a salvo. Mas por quanto tempo? E, mesmo que a cidade permanecesse intocada, a ideia de programar o Ovo para me levar até lá, de passar o resto da vida com meus pais no chalé de dois quartos, em reclusão burguesa, já me deixava doente. As únicas coisas com as quais eu me importei tinham sido destruídas. A pior parte era que eu nunca sequer havia percebido o quanto me importava.

Com a cabeça pressionada nos joelhos, ainda confuso e latejando de dor por conta dos vapores que emanavam, de repente agucei os ouvidos. Escutei algo se aproximar. Um veículo.

Os invasores, pensei. Começou o ataque por terra.

Eu não tinha armas nem meios de me defender. Os inimigos, seja lá quem fossem, provavelmente estavam vindo garantir que não deixaram sobreviventes em seu alvo. Quando me encontrassem, iriam me matar.

Isso aqui havia sido minha casa — não apenas a escola, mas todo o planeta. Eu havia passado tanto tempo ocupado querendo que este lugar fosse algo que não era, que nem percebi o quanto ele me pertencia.

Talvez eu não pudesse fazer nada. Era apenas um Cêpan com a perna machucada, sem nenhum Legado e nem sequer uma arma. Mesmo assim, eu me levantei, me virei para enfrentar quem quer que fosse e me preparei para a luta.

Os passos que se aproximavam de mim eram pesados e determinados, e, à medida que ficavam mais fortes, a melodia da última canção de Devektra me veio à mente. Comecei a cantarolar. Porém, antes que pudesse ver meu inimigo, eu desabei.

CAPÍTULO

DOZE

Senti meu corpo ser erguido do chão e carregado até um veículo. Fui jogado para dentro dele e aterrissei com uma pancada nas costas. Ouvi o som de uma porta fechando e senti o transporte dar uma guinada enquanto, ganhando velocidade, continuava sua rota no piloto automático. Fui arremessado com força no banco.

As luzes acenderam, e minha visão embaçada foi aos poucos voltando a focalizar o mundo a meu redor. Tentei decifrar a figura de meu captor.

Brandon olhava de volta para mim.

— Você? — perguntei, chocado em não ver um rosto alienígena medonho. Impressionado em ver Brandon *vivo*.

Brandon caiu de joelhos.

— Não — ele disse. — Não é possível.

Ele parecia tão desolado e perdido quanto eu. Então, ele se inclinou em minha direção e puxou meu braço para a frente. Examinou o bracelete de identificação, incrédulo, e em seguida agarrou meus ombros e começou a me sacudir com tanta força, que eu pensei que iria vomitar.

— Como você pegou isso?! Como você pegou isso?!

Eu tentei responder, mas ele não me deixava. Ele não parava de me sacudir. Quando não aguentei mais, finalmente abaixei a cabeça e vomitei no aço ondulado do chão do veículo inteiro.

Brandon rastejou para trás, para longe do meu vômito. Quando parei, vi que ele me olhava como se pedisse desculpas.

— Sinto muito — murmurou.

— Não foi culpa sua — eu respondi. — Não acho que foi você. A fumaça da explosão me deixou enjoado. E me fez desmaiar, eu acho.

Passei para o outro lado do veículo ainda em movimento, me sentei e expliquei a ele como cheguei até ali. Contei como roubei o bracelete de identificação de Daxin para entrar na Chimæra e como corri de volta até o campus e encontrei o terreno parecendo coberto de piche.

Ao terminar, olhei envergonhado para Brandon. Ele ficou quieto por um minuto, com uma expressão indecifrável.

Enfim, falou:

— Eu jamais teria voltado à ADL se soubesse que só havia você. Era um risco inútil.

Ai.

— Voltei por Daxin — ele prosseguiu. — Passei horas exposto na cidade tentando encontrar Daxin, e tudo o que encontro é *você?*

Senti minhas vísceras remexerem de vergonha.

— Ele deveria ter saído. Se estivesse com o bracelete de identificação, poderia ter sobrevivido — Brandon disse, sua ira crescendo. — Quando o primeiro míssil mogadoriano atingiu a rede, foi enviado um sinal de alerta a nós, os nove Cêpans Mentores da Academia. Era para evacuarmos imediatamente qualquer lugar onde estivéssemos e ir ao encontro de nosso Garde designado utilizando os braceletes de localização, resgatá-lo e levá-lo à base secreta. Oito de nós conseguimos, mas Daxin deve ter continuado dormindo durante o ataque.

Era o plano de evacuação que Daxin havia mencionado de forma tão misteriosa. Eu presumira que fosse só uma paranoia de defesa de Lorien, mas ele sabia o que estava por vir.

— Sinto muito — eu disse com a voz falhando. As palavras soaram tão patéticas, tão débeis frente a toda a destruição e morte que eu havia causado. Tudo isso para que eu pudesse ir a um show e ficar com Devektra. Minha cidade estava em ruínas, e Daxin estava morto. Ele jamais completaria a missão para a qual passara a vida inteira se preparando.

— O Ancião Pittacus elaborou o protocolo de evacuação há muitos anos, mas nós, os Cêpans Mentores, recebíamos pouquíssimas informações para além do que permitia nossa

matrícula. Há algumas semanas, os Anciãos partiram em uma missão diplomática secreta, da qual ainda não retornaram. Eles ajustaram o protocolo para que fosse ativado, por medida de segurança, caso o conselho perdesse contato com eles durante o período de ausência deles. — Brandon colocou as mãos na cabeça. — Eles estavam preocupados. Pelo pouco que pude entender, uma raça alienígena chamada mogadoriana está chegando. Já chegou. A Profecia dos Anciões se concretizou. Nós sabíamos da existência dos mogadorianos... e já tínhamos feito negócios com eles havia muitos anos... mas jamais imaginamos que eles se mostrariam hostis.

Eu assentia enquanto ele falava, tentando absorver o máximo de informações possível.

— Lorien, como conhecemos, já não existe mais — ele prosseguiu. — E nós — acrescentou, pontuando a frase com uma risada amarga — já estragamos a evacuação. Nove Cêpans Mentores, nove jovens Gardes. Assim como existem nove Anciões. O número deve ser importante, deve ter sido assim por alguma razão. Com Daxin morto...

Sua voz falhou. Ele se virou para o console na frente do transporte e suspirou.

— Estamos quase na pista de decolagem — ele informou. — Vamos ter que nos virar com oito.

O veículo parou, e Brandon pulou para fora.

Eu o segui. Havíamos parado a quase cinquenta metros de uma pequena pista de decolagem, bem no interior dos Territórios Longínquos. Uma aeronave de porte médio estava estacionada à distância. Percebi algumas pessoas se reunindo perto da aeronave. Sem direcionar uma palavra para mim, Brandon se afastou do veículo e foi andando em direção a elas.

— Espere — chamei.

Ele se virou com um olhar impaciente em seu rosto.

— O garoto — eu disse. — O que vai ser do garoto?

Eu já carregava alguma, talvez toda, responsabilidade pela morte de Daxin. Mas o garoto havia sido marcado para sobreviver

e ainda estava por lá. Até onde eu sabia, o Kabarak de Malka ainda não havia sido atingido.

— O Cêpan Mentor dele está morto — Brandon respondeu. — E, mesmo que não estivesse, levaria duas horas para ir até ele e voltar. Precisamos sair do planeta o quanto antes. É um risco muito grande, um risco que nenhum de nós, com nossos próprios Gardes para proteger, pode se dar ao luxo de correr.

Então o garoto estava condenado?

— Eu não posso viver com isso — eu disse.

— Você não vai precisar — Brandon respondeu. — Pelo menos não por muito tempo.

O medo dominou meu coração, e de repente percebi: não havia lugar para mim na aeronave de evacuação. Durante a próxima onda de ataque, eu sucumbiria com o restante do planeta.

— Então eu, o garoto e todo mundo neste planeta... estamos ferrados, é isso? — Eu sabia que soava patético, mas não consegui me controlar. — Seremos abandonados à morte quando a invasão começar?

— Sim — Brandon respondeu, sem sequer hesitar. — Não se trata mais de salvar vidas individuais, Sandor. Trata-se de salvar *uma raça inteira*.

Então, seria assim.

— Sinto muito, Sandor — Brandon continuou, abrandando um pouco o tom. — Não tenho motivos para acreditar que os mogadorianos deixarão sequer uma única alma loriena viva quando chegarem, mas, pelo seu bem, espero...

Brandon se calou, incapaz de concluir a frase.

Não era necessário. Eu entendi perfeitamente. A morte era melhor do que a alternativa.

Não havia mais nada a ser dito.

— Então está certo — eu disse, com um sarcasmo deprimente. Dei a Brandon um breve aceno de adeus. — A gente se vê por aí!

Estava sozinho mais uma vez.

Caí de joelhos sobre a terra, aos pés do veículo de Brandon.

A única iluminação vinha das luzes no interior. Brandon não se dera ao trabalho de fechar a porta ao sair. Talvez não fizesse sentido com todo o planeta à beira da destruição.

Girei o bracelete de identificação de Daxin em meu braço. Era incrível quantos problemas esse pequeno dispositivo havia causado, que trágica e ao mesmo tempo trivial confusão eu havia feito com ele.

Com nojo de mim mesmo e de minha própria situação, arranquei o bracelete do braço e o ergui no alto da cabeça, pronto para arremessá-lo à escuridão.

Pensando em Devektra, eu hesitei. Perguntei-me onde ela estaria, se havia encontrado algum outro Garde que pudesse ajudá-la. Perguntei-me se ela ainda estava viva, sabendo que, ainda que estivesse, sua chance de sobreviver, mesmo com os Legados, seria reduzida a zero.

De verdade, a morte era provavelmente a melhor coisa que poderia lhe acontecer. Ela não se importaria. Naquele ponto, éramos muito parecidos. Ela não acreditava em perfeição. Essa era sua força. E eu decidi que também seria a minha. Se a morte era inevitável, eu morreria fazendo o maior estardalhaço que pudesse.

“Nove jovens Gardes”, Brandon dissera. “Deve ter sido assim por alguma razão.”

Sim, eu pensei, olhando para o bracelete de identificação que ainda agarrava com toda força em meu punho. Alguma engrenagem começou a girar há muito tempo atrás para me trazer até ali, caído de joelhos nos Territórios Longínquos, o bracelete e o localizador nas mãos.

Tudo tem uma razão de ser. Tinham que ser nove. Nove Cêpans, nove Gardes. Eu havia ferrado muito as coisas. Entretanto, não era tarde demais. Eu ainda podia fazer algo de bom.

CAPÍTULO

TREZE

O veículo seguia roncando e sacolejando sobre o chão de terra pela rota programada até o Kabarak de Malka. Com o treco no piloto automático, eu estava livre para vasculhar a traseira à procura de uma arma. Não fazia a menor ideia se a segunda onda de ataque mogadoriano seria outra rodada de mísseis ou uma invasão por terra, mas imaginei que esperar armado não faria mal algum. Infelizmente, só consegui encontrar uma faca comprida e afiada. Não era exatamente poderosa, mas era alguma coisa. Peguei também um módulo de informações extra, na esperança de que ele pudesse fornecer notícias sobre um novo ataque.

Eu acionei o dispositivo sem muitas expectativas, mas ele ainda captava transmissões esparsas e inconstantes. As que *conseguiam* chegar eram em geral dedicadas aos comunicados dos Munis sobre as tentativas de resgate na cidade.

Eles nos pegaram desprevenidos, exatamente como os Anciões haviam previsto. Mesmo agora, as pessoas pareciam não compreender isso. Nenhuma das transmissões que eu consegui captar fazia qualquer menção ao fato de que havíamos sido atacados — ou ao fato de que ainda não havia acabado.

Talvez o resto de Lorien ainda não tivesse consciência. *Eu* sabia a verdade, no entanto. Sabia o que tinha que fazer.

Eu salvaria o garoto ou morreria tentando.

O veículo encostou às margens de Malka, e atravessei o caminho de terra na escuridão. Não conseguia enxergar muita coisa, mas deixei que a memória me guiasse em direção à cabana onde o garoto morava com o avô. Quanto mais eu me aproximava, mais o bracelete localizador vibrava, sinalizando que eu estava na direção certa.

À distância, pude escutar o burburinho dos festejos do Quarto Crescente dos Malkanos. Eles ainda não sabiam. Por um breve instante, considerei correr até o Kabarak para avisá-los da invasão iminente e mandar que armassem. Mas eu não tinha tempo para isso, e, de qualquer forma, não faria diferença alguma. Eu precisava manter o foco. Isso se tratava da sobrevivência de toda a nossa raça. Brandon dissera que tinham que ser nove.

Quando cheguei à cabana, o garoto, o avô e a Chimæra saltitante não estavam em lugar algum. Mas o bracelete continuava a vibrar em meu braço. Caminhei em diferentes direções, testando a frequência da vibração, e consegui localizar a criança. Ela estava mais adiante na trilha.

Contornei um monte que dava em um campo estreito, em meio a outras colinas. Uma grande fogueira queimava nas proximidades, e, conforme me aproximava, vi o avô do garoto agachado perto dela. Ele olhou para mim.

O garoto e o animal não estavam por ali.

O homem apontou para o banco ao lado dele. Nervoso, dei uns passos à frente e me sentei à beira da fogueira. Seja o que for que ele estava cozinhando, tinha um cheiro delicioso. Era quase de manhã, e eu não havia comido nada desde a sobremesa da noite anterior. Provocada pelo cheiro, minha boca começou a salivar.

— Coma — o homem ofereceu, apontando para a panela.

Fiz o que ele mandou e, com a concha de pedra que pendia para fora da panela, enchi uma pequena tigela de barro com o succulento ensopado.

— Está uma delícia — eu disse, balançando a cabeça em gratidão.

— Você veio por causa do meu menino.

— Isso mesmo — respondi, percebendo que ele sabia o tempo todo por que eu estava ali.

— Ele é tudo que tenho. — o senhor disse. — Todos podem ver que há algo especial nele. Meu dom me permite raros vislumbres das teias do destino, e eu sempre soube que este dia chegaria. No dia em que conheci você, percebi que não demoraria muito tempo.

O bracelete de identificação de Daxin não parava de vibrar loucamente desde que eu havia me sentado, e o teclado disparou em seguida. Ali, na fogueira, com aquele homem forte e humilde me encarando, eu me senti um babão todo atrapalhado com a tecnologia.

— Um segundo — eu pedi, me sentindo um completo idiota.
— Com licença.

Eu me levantei, puxei o módulo de meu bolso, olhei para baixo e lendo a última atualização. CONFIRMADA APROXIMAÇÃO DA SEGUNDA ONDA. ATAQUE DE MÍSSEIS SEGUIDO DE AÇÃO POR TERRA. Algum soldado da FDL sobrevivente, ou talvez um empregado dos Munis, enfim conseguira acessar a rede de comunicação e ativar o alerta verdadeiro.

Eu ainda tentava descobrir o que tudo isso significava, quando senti as pernas cederem sob meu corpo. O módulo saiu voando de minhas mãos e caiu no chão com um baque.

Mas era só o garoto, que havia investido contra minhas pernas e me jogado no chão. Ele era mais forte do que parecia e sabia disso. Atirou-se de costas na grama e riu com orgulho entusiasmado. O bracelete de metal em seu pulso cintilava à luz da fogueira.

— Peguei você! — o garoto exclamou. Fiquei me perguntando se ele seria capaz de se lembrar daquela noite, e, caso se lembrasse, se seria com tristeza por tudo o que estava prestes a perder ou com alegria pelo que, pelo menos por mais alguns instantes, ainda possuía.

Dei um sorriso em resposta.

— Ainda não, amigo. — Resgatei o módulo caído na grama e me ajoelhei na terra para me levantar, com o fogo atrás de mim. Abri os braços e o garoto correu até eles, sem questionar. Eu o peguei no colo, e enquanto me levantava olhei para o avô por um breve instante. Ele me olhou de volta, com enorme tristeza.

Eu sabia que precisava ir embora. Mas ainda tinha que perguntar mais uma coisa.

— O senhor disse que seu Legado lhe permite ver o futuro — eu disse. — Consegue ver alguma coisa agora?

— Ele vai ser importante — o velho respondeu com tristeza. — Isso é tudo o que sei.

— E eu? — perguntei.

O homem sorriu, pesaroso.

— Você também vai ser importante — ele respondeu. — Mas vai morrer.

Eu sabia que ele estava certo. No entanto, estava tudo bem. Todos iríamos morrer. Pelo menos, eu morreria fazendo alguma diferença.

À medida que segui o caminho de volta até a van, os braços do garoto em torno do meu pescoço, virei a cabeça por cima do ombro e olhei pela última vez o homem que o criara. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, que escorriam pelas rugas profundas de suas bochechas cobertas de terra e molhavam a barba.

Então, a segunda onda de mísseis começou, explodindo à distância.

CAPÍTULO

QUATORZE

Enquanto eu corria pela trilha, sentia o chão irregular sob meus pés, os galhos e espinhos arranhando meu rosto na escuridão. Eu praguejava baixinho e tropeçava a cada passo. O garoto havia começado a chorar em meus braços assim que o avô desaparecera de sua vista, mas era um choro quieto.

— Está tudo bem — eu disse, afagando suas costas. — Está tudo bem, amigão.

Não estava nada bem. Talvez as coisas melhorassem algum dia — se não para mim, para o garoto em meus braços. No entanto, primeiro eu precisava levá-lo até o local de evacuação sem que nenhum de nós morresse no caminho.

Era mais fácil falar do que fazer: ao emergir das árvores para uma clareira perto da cabana e ver o céu, preendi a respiração.

Estava claro como se fosse de dia, um azul claro pontilhado por pequenas explosões de tom roxo e rosa pastel por toda a linha do horizonte. Era como se o mundo inteiro estivesse em chamas. Talvez estivesse. As explosões ocorriam com mais rapidez do que eu conseguia contar.

Não consegui parar de pensar nisso. O pânico não ajudaria em nada, e mais tarde haveria tempo de sobra para lamentar. Brandon partiria em breve com a aeronave de evacuação, se é que já não havia partido. Tinham que ser nove Gardes. Brandon dissera isso, e de alguma forma, meus instintos confirmavam. Eu precisava levá-lo até a nave antes da decolagem.

O veículo de Brandon estava logo adiante. Um passo de cada vez.

Quando afivelei o cinto no garoto ao meu lado e disparei o piloto automático, a tela no console se iluminou em um mar de vermelho. O sistema ainda estava conectado a um satélite da FDL, que informava a situação em todo o planeta. A devastação se alastrara por toda a superfície de Lorien — como mostravam as áreas piscando em vermelho na tela —, e por isso quase todos os trajetos de volta à aeronave de evacuação eram no mínimo arriscados. A rota que eu pegara para chegar até ali estava completamente obstruída.

Com menos uma opção, passar por Malka e retomar a rota original pelo ponto central me pareceu a melhor aposta. Liguei o piloto automático, acionando a maior velocidade que a nave poderia atingir, e respirei fundo. Ou funcionaria ou não. O motor começou a roncar. O veículo deu uma guinada para a frente, e saímos pela noite incandescente.

Então, me volvei para o garoto, que ainda chorava. Não tinha experiência alguma com crianças. Sequer era um Cêpan Mentor em treinamento. Quando eu o colocasse na nave, ele seguiria em direção qualquer que fosse seu grande destino e deixaria de ser problema meu.

Mas era terrível ouvi-lo chorar. Olhei nos olhos dele, que respirou fundo, enquanto seu choramingo diminuía. Era como se ele não quisesse que eu o visse naquele estado. Era como se estivesse tentando ser valente.

— Olha, garoto — eu disse. Quando falei, seus soluços diminuíram ainda mais. — As coisas vão ficar meio perigosas por um tempinho. Você precisa ser corajoso. Você é um Garde, sabia? Um dia, vai ter muitos poderes. Vai poder ser tudo o que quiser. Mas, primeiro, você tem que erguer a cabeça. Afinal de contas, você é o futuro de toda essa droga de raça loriense, ok?

O garoto me olhava, atento, e definitivamente havia parado de chorar. Ele estava prestando atenção em tudo que eu dizia, seus olhos estavam arregalados, e a boca aberta, formando um pequeno “o”.

— Entendeu, amigão? — perguntei. — Precisamos de você.

Ele me lançou um olhar severo e sacudiu o punho diante do meu rosto.

— Kow kow — ele disse.

— Isso — eu disse, sorrindo. — Kow kow está certo.

SKWONNNNKKK. SKWONNNNNK.

Instintivamente, tapei os ouvidos com as mãos em um sobressalto. O garoto soltou um ganido. O som que ouvimos era de algum tipo de buzina, profundo e estrondoso. Ressoou pelas as rodas da van e atingiu em cheio meus ossos.

Tive a sensação de que sabia o que era — o som de uma nave mogadoriana. Não poderia ser nenhuma outra coisa. Isso não era nada bom. Verifiquei o console. Estávamos chegando, mas ainda havia um longo caminho pela frente.

A estrada diante de nós estava coberta de escombros, árvores caídas e cadáveres. Tentei não olhar para eles. À direita, havia um vazio no céu onde os Pináculos de Elkin um dia estiveram. À distância, a fumaça das ruínas da Capital se aproximava.

Havíamos acabado de chegar ao Parque Eilon, nos arredores da cidade, quando fomos atingidos.



Não sei ao certo o que nos atingiu. Não era um míssil, ou estaríamos mortos. Talvez fossem estilhaços de uma bomba. Talvez fosse qualquer outra coisa. Na verdade, não importava. Seja lá o que fosse, uma explosão gigantesca havia acertado o veículo e nos mandado pelos ares. Tudo ficou escuro.

Recobrei a consciência ainda deitado. Minha cabeça sangrava e minha visão estava embaçada. Havia um guincho terrível estridente sobre minha cabeça. O garoto estava ajoelhado por cima de mim, me encarando com uma expressão de preocupação.

— Kow kow? — ele perguntou.

Olhei para cima na direção dele e vi o chão da van — os bancos, o painel central — acima de mim. Eu estava deitado com

as costas na parte interior do teto. Estávamos de cabeça para baixo.

Cheio de dor, movi a cabeça e consegui ver, por uma janela recém-estraçalhada, a grama do parque.

Eu não sabia o que faríamos. Não havia forma alguma de conseguirmos virar a van de cabeça para cima novamente, muito menos fazê-la funcionar. Escalei a janela estilhaçada, ignorando o vidro que arranhava meus braços. Depois de passar, eu me virei, estiquei o braço e puxei o garoto comigo. Rolamos juntos pela grama, sem fôlego.

SKKKWONNNK. SKKKWONKK. Aquele barulho de novo. De repente, perto de mim, o garoto arregalou os olhos. Ficou de queixo caído. Eu virei e vi o monstro parado bem diante de nós, tão perto que eu podia sentir o fedor de seu hálito.

Era a coisa mais feia que eu já tinha visto, provavelmente uns três palmos mais alto do que eu, com a pele pálida e a boca repleta de dentes minúsculos e tortos, que eram mais pontiagudos e mais afiados que uma faca. Eu sabia como seus dentes eram porque ele estava sorrindo. Balançava a seu lado uma gigantesca espada curva.

Aquele, eu sabia, era um mogadoriano.

Com os olhos semicerrados, ele rosnou para nós. O som era grave e ameaçador, rouco e gutural.

A besta ergueu a espada acima de sua cabeça.

Eu tentei. Eu tentei. Nós quase conseguimos. Mas tudo estava acabado.

Era inútil fingir que meu corpo serviria de escudo para o garoto. Nós dois morreríamos pelo mesmo golpe.

Então, escutei a coisa mais estranha. Era uma melodia. Eu a reconheci. Antes que pudesse reagir, houve um intenso clarão, e a música ficou mais alta, tão alta que parecia sair de dentro do meu crânio.

Era a canção de Devektra. Era linda.

O mogadoriano cambaleou para trás e deixou cair a espada. Seu rosto se contorceu em uma máscara de dor horripilante. Ele

soltou outro rosnado — na realidade, estava mais uma espécie de urro — e caiu de joelhos.

Eu nem parei para pensar. Sabia exatamente o que tinha que fazer. Eu me joguei de joelhos, agarrei a espada e, ofuscado pelos lampejos de luz branca ao meu redor, golpeei com toda a força que tinha. Um jato de sangue jorrou pelo ar quando a cabeça do monstro saiu rolando.

Eu nunca cheguei a vê-la. Não sei como ela nos encontrou, nem por que não se revelou. Provavelmente não houve tempo. Mas foi ela. Devektra havia me salvado. Mais importante, ela salvara o garoto.

Ele se levantou, me lançou um olhar provocador, aparentemente inabalado com o que acabara de acontecer, e apontou para algo caído na grama, a alguns metros de distância.

— Moto? — ele perguntou.

CAPÍTULO

QUINZE

Nós chegamos à nave a tempo.

Estacionei a motocicleta e corri até a nave com o garoto nos braços, procurando por Brandon e abrindo caminho por entre um grupo de kaborakianos e Gardes da FDL que, em meio ao caos, organizavam um perímetro ao redor da nave.

Os mogadorianos chegariam a qualquer momento. Esses loriens seriam a única proteção à nave durante a decolagem. Como eu, eles ficariam para trás. Nós iríamos morrer. Não havia escapatória. Porém, com um pouco de sorte, as nove crianças e seus Mentores viveriam, e, com eles, o povo loriense sobreviveria.

Os oito Cêpans Mentores aguardavam a partida do lado de fora da nave, enquanto as oito crianças — cujas idades variavam entre a primeira infância até os seis anos — estavam posicionadas em um círculo no chão. Um sujeito se inclinava perto de cada uma das crianças, tocando suas cabeças.

Era o Ancião Loridas. Parecia estar abençoando as crianças ou algo assim. Bem, se eu ia morrer, pelo menos poderia dizer que finalmente vi um dos Anciões.

Quando Brandon me avistou chegando, um olhar de nojo começou a surgir em seu rosto. Até que ele viu o garoto.

— Este é o nono — eu expliquei. Sabia que eles partiriam a qualquer momento e, ansioso para convencê-lo, as palavras saíram sem parar. — Não é tarde demais. Você precisa...

— Quietos — disse Brandon, pegando a criança. Correu até Loridas, que havia acabado de terminar o que quer que estivesse fazendo com as outras. Nervoso, observei os dois conversarem e me perguntei como Loridas teria conseguido chegar ao planeta.

— Só sobrou ele. — Eu me virei e vi uma mulher com cabelos longos e negros, com uns trinta e poucos anos. Ela percebeu meu olhar de confusão. — Os outros Anciões se foram. Eles se sacrificaram por nós.

— Pittacus também? — perguntei estupefato. Eu nunca havia pensado muito em Pittacus Lore, jamais demonstrara diante de seu nome a admiração irrestrita que tantos outros loriens tinham por ele, mas ainda era um choque. Mesmo com tudo o que acontecera naquele dia, jamais me ocorreu que ele pudesse ter *ido embora*. Era quase inimaginável.

Uma ruga de incerteza surgiu na face da mulher.

— Pittacus está... desaparecido — ela disse. — Talvez ainda esteja vivo. Não sabemos.

Eu não respondi. O que havia a dizer?

— Você parece muito jovem para ser um Cêpan Mentor — ela continuou.

— Sou apenas um aprendiz — respondi, os olhos fixos em Brandon, Loridas e no garoto. — Engenharia. Não sou Mentor.

— Quase me enganou — ela disse, lançando um olhar para o garoto. Loridas o pegou pela mão e o conduziu ao único espaço que restava no círculo. Todas as outras crianças observavam enquanto Loridas iniciava uma espécie de ritual.

— Por que eles são todos tão jovens? — perguntei à mulher. — São muito pequenos para terem sido treinados na Academia.

— Estas crianças foram identificadas pelos Anciões como as mais poderosas de sua geração — ela me explicou. Parecia melancólica ao proferir as palavras. — Eles têm uma longa jornada pela frente. Terão que aprender a se adaptar a um novo lar e a um novo estilo de vida, diferente de tudo o que já vimos por aqui. Quanto menos lembranças de Lorien tiverem, melhor. Será mais fácil para eles.

Eu assenti com tristeza e me virei para observar o ritual. Estava ansioso para ver tudo, mas Brandon me puxou para o canto da pista de decolagem.

— Ele foi admitido. Os oito agora são nove — ele disse. — O mais engraçado é que o Ancião Loridas não ficou nem um pouco

perturbado. Quando eu disse que o nono havia chegado, e ele se virou e olhou para mim como se soubesse o tempo inteiro que a criança estava a caminho.

Eu me virei para os Cêpans Mentores reunidos, para os Gardes ordenados no chão, para a nave que os levaria embora deste planeta. Temi por meu próprio futuro, mas estava determinado a não deixar meu medo transparecer para Brandon. Eu queria que minha partida fosse nobre e triunfal.

— Vá — eu disse. — Eu me juntarei os guardas do perímetro.

Os sóis estavam começando a nascer. As chamas e a fumaça da destruição do planeta coloriam o crepúsculo.

— Boa sorte por lá — completei.

— Espere — Brandon disse. Eu me virei para ele. — Você vem conosco.

— Eu? Não há espaço. — Senti meu coração pular dentro do peito. Mas eu não podia ir junto. — E o resto do povo aqui? As pessoas que lutaram esse tempo todo? As que realmente acreditavam?

— O garoto precisa de um Mentor. Você o trouxe até aqui. Ele confia em você. O vínculo já se estabeleceu. Eu sinto isso. Tem que ser você.

— Mas eu não fui treinado.

— A única coisa que cada um de nós precisa de fato saber é que sempre devemos colocar a sobrevivência de nosso Garde na frente da nossa. — Brandon lançou um olhar para o garoto. — E parece que essa parte você já entendeu.

Mais uma explosão ressoou a quase um metro de distância, atraindo nosso olhar para o céu e para uma gigantesca nave mogadoriana que se aproximava. O que pareciam ser pequeninas nuvens que saltavam da nave de paraquedas e aterrissavam suave e silenciosamente.

Era claro, porém, que aquilo era uma ilusão de ótica. Não eram nuvens. Eram tropas mogadorianas de ataque terrestre. E não havia nada de delicado nelas.

Meu destino estava traçado. Corremos até o resto do grupo para embarcar na aeronave e deixar nosso amado planeta Lorien,

antes que fosse tarde demais.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

— Ai. — Mal acordei e já estava com dor.

O garoto acabara de pisar com força em minhas pernas e agora pulava em cima do resto de meu corpo, esmagando meu estômago e minhas costelas.

— Acorda — ele pediu, ainda pulando dolorosamente em mim. Era um jeito infernal de acordar de manhã, mas eu estava começando a me acostumar. — Acorda — o garoto, a quem todos havíamos começado a chamar de “Nove”, repetiu. Ele tinha os olhos brilhantes, era brincalhão e tão cheio de energia, que cinco minutos em sua companhia eram o suficiente para me fazer rezar pela hora de dormir.

Nove e os outros pequenos Gardes haviam se recuperado rapidamente dos horrores daquela noite terrível, havia quase um mês, quando Lorien sucumbiu aos mogadorianos. Os outros Cêpans Mentores mal acreditaram na capacidade de superação das crianças. Nós invejamos isso. Nenhum de nós jamais esqueceria tudo o que aconteceu.

— Estou indo — eu disse, balançando as pernas por cima da cama e puxando minha camiseta Kalvaka do cabide na parede. Todos os outros Cêpans Mentores andavam enfiados em suas túnicas da ADL, mas eu tinha somente as roupas convencionais que usei na última noite em Lorien.

— Você é muito lerdo — Nove reclama puxando meu braço enquanto eu tentava terminar de me vestir.

— Desculpe, amigo — eu retruquei. — Fui dormir tarde ontem.

— E qual é a novidade? — Eu me virei e vi Brandon, sorrindo, no canto da divisória que separava meu dormitório do resto da

nave. Brandon estava sempre pegando no meu pé porque eu acordava tarde e sempre era o último Cêpan a dormir, socializando até o amanhecer na cantina da nave. Se ele já tivesse ido dormir, Kentra ou um dos outros sempre ficavam por lá. — Hoje é o primeiro dia do treinamento de pré-combate — ele continuou. — Eu levo o Nove, não tem problema.

— Pré-combate? Já? — Tive muita dificuldade para entender que já começariam a preparar alguns dos Gardes para se tornarem guerreiros. Brandon e Kentra haviam explicado que eram apenas treinos e exercícios físicos por enquanto, mas mesmo assim... Os garotos eram tão pequenos.

Eu vi Quatro, o Garde de Brandon, esticando a cabeça por detrás das costas de seu Cêpan. Tímido, ele estendeu sua mão para Nove, convidando-o para irem juntos até o local de pré-combate.

Ao ver a cena, esperei que Nove pegasse a mão de Quatro. Seria um gesto amigável.

— Prucawbat! Grrr! — grunhiu Nove e pulou de volta na cama, ou inconsciente do gesto de Quatro ou agitado demais para percebê-lo.

Eu sorri, exausto e ao mesmo tempo orgulhoso da hiperatividade do meu Garde. Tirei Nove da cama e o coloquei no chão.

— Você vai com Brandon e Quatro, está bem? Vamos nos encontrar mais tarde na Sessão Individual. — Sessões Individuais eram as sessões de treinamento e desenvolvimento entre os Cêpans Mentores e seus Gardes. Fora decidido que minhas Sessões Individuais com Nove seriam supervisionados por outro Cêpan Mentor, devido a minha inexperiência e falta de treino. Mas mesmo com Brandon ou Katar baforando em meu pescoço, a Sessão Individual era a melhor hora do dia: apenas o garoto e eu.

A nave enorme era um espaço amplo sem paredes, mas, pelo bem de nossa privacidade e sanidade, divisórias holográficas programáveis separavam as áreas em “cômodos”.

A cantina era um desses espaços, localizada perto da cabine da nave. Quando eu finalmente cheguei lá, estava quase vazia, e as

opções de comida eram poucas: um pacote de frutas secas e desidratadas ou um prato de grãos moles e mornos.

Ah, eu pensei. Os riscos de se dormir demais.

Escolhi as frutas e fui me sentar ao lado de Hessu, a única Cêpan presente. Hessu era a mais velha dos Cêpans, e muito tímida. Eu nunca sabia o que dizer a ela, então apenas acenei com a cabeça e fui tomar meu café da manhã em silêncio.

Como costumava acontecer quando eu tinha um tempo sozinho, meus pensamentos flutuaram até os eventos em Lorien, até as duas coisas que havia testemunhado — a destruição da Capital e as dolorosas lágrimas turvas no rosto do avô de Nove — e as que eu havia apenas imaginado: o chalé de meus pais em Deloon sendo destruído por mísseis mogadorianos, e Devektra, enfim sucumbindo às tropas terrestres mogadorianas enquanto defendia com valentia sua amada cidade.

Também pensei na decolagem da nave, no que observei pela janela enquanto a flutuávamos sobre a pista. O Ancião Loridas, que insistira em não subir a bordo, e que, conforme passávamos pela atmosfera do planeta, era reduzido a um pontinho no solo, junto aos soldados da Força de Defesa de Lorien e aos kabarakianos ainda lá embaixo, lutando para conter a horda de mogadorianos que avançava.

Os primeiros dias no espaço haviam sido os piores. Nós, Cêpans Mentores, nos reuníamos na cantina, com nossos protegidos impacientes e traumatizados no colo, à espera de informações do piloto sobre o destino de Lorien. Brandon explicara que a grande maioria dos membros do conselho, da Academia e da FDL havia sido morta na primeira onda de ataques, mas havia quem estivesse determinado a sobreviver, heróis como Devektra, que lutariam contra as forças invasoras por piores que fossem as chances de vitória. Fora decidido por votação que, assim que a nave alcançasse uma distância relativamente segura, iríamos parar, aguardar e observar. Se houvesse qualquer sinal de que Lorien não tinha sucumbido totalmente, de que algum movimento de resistência se formara e de que havia uma chance

de sobrevivência, por menor que fosse, retornaríamos e ajudaríamos da melhor forma possível.

Contudo, após muitos dias e noites em claro, o piloto emergiu da frente da nave para a cantina e sacudiu a cabeça.

— Pelo que a nave pôde escanear — ele disse, lutando contra as lágrimas —, não há nada. Não sobrou nada.

De todos os horrores que eu havia sofrido, esse era o pior, o mais devastador.

Pouco a pouco, as coisas foram melhorando. E, por mais sombrios que fossem meus pensamentos, era difícil ficar triste com nove crianças impulsivas e agitadas nos cercando todos os instantes do dia.

— Ela está doente — Hesse anunciou. Eu quase precisei olhar duas vezes: Hesse nunca falava com ninguém que não tivesse falado com ela primeiro. — Levou um tempo para que eu entendesse que ela devia estar falando de sua Garde, a garota a quem chamávamos de Um. — Eu acordei no meio da noite com um pressentimento ruim, então desci até o alojamento das crianças para conferir e, quando toquei a testa dela, tive a certeza de que estava quente. Uma febre alta. — A aversão de Hesse ao contato visual fazia parte de sua personalidade, mas a forma intensa com que ela evitava meu olhar me fez temer o pior.

— Onde ela está? — eu perguntei. — Ela está bem?

— Ela está no Autodoc. — Como ninguém a bordo possuía qualquer conhecimento médico, a nave havia sido equipada com uma pequena área climatizada chamada Autodoc. Ela monitorava os sinais vitais do paciente e dosava os medicamentos necessários através do sistema de ventilação. — A máquina disse que ela vai melhorar.

— Que bom, então — eu disse, aliviado. — Isso é muito bom.

Hesse apenas deu de ombros. Seus lábios estavam apertados, parecendo desgostosa, como se ela tivesse acabado de provar algo azedo.

— Ela vai morrer — ela disse.

Eu congelei em meu assento, sem palavras. Senti como se as palavras de Hesse tivessem sugado todo o oxigênio do ambiente.

— Ela vai morrer — ela repetiu. — Tenho certeza disso.

— Hesseu, tenho certeza de que ela vai ficar boa...

Ela se virou para mim, um olhar de fúria e desprezo queimando-me o rosto.

— Eu não quero dizer *agora*, seu idiota! — Ela deu uma risada amarga. — Você não percebe que vamos *todos* morrer?

Meu sangue congelou. Aonde essa mulher queria chegar?

— Certo. Certo — ela disse. — Você ainda não recebeu todas as informações. Como poderia saber? Esta é uma missão suicida. Estamos indo a um planeta distante para nos esconder dos mogadorianos, para fugir deles, um esforço patético para sobreviver que podemos fazer até que eles venham nos caçar e nos matar. É inútil. Não sei por que estamos sequer nos dando ao trabalho.

Suas palavras adentraram minha cabeça como um veneno, mas tentei prestar atenção ao problema principal: sua histeria.

— Você precisa se acalmar — eu disse.

— É fácil para você falar. Você é o último. Você e o seu garoto foram abençoados por último por pura sorte, porque estavam atrasados! — A risada amarga voltou. — Enquanto minha menina e eu... fomos as primeiras. As primeiras abençoadas, as primeiras a morrer.

O riso deu lugar às lágrimas, e Hesseu afundou o rosto nas mãos. Lutando contra meu próprio horror, eu a abracei.

Ficamos assim por algum tempo. Eu a ninei em meus braços, enquanto a terrível verdade sobre nossa situação inundava meu coração.

Mais tarde, caminhei pelo corredor virtual em direção ao galpão vazio onde aconteciam minhas Sessões Individuais com Nove. Eu me senti um idiota. Por me permitir ser otimista em relação aos planos dos Anciões para todos nós, por acreditar que a jornada à frente poderia ser mais iluminada do que a que deixamos para trás. Ouvir aquilo de Hesseu apenas tornaria mais triste a chegada a nosso destino.

E me senti um idiota por não investigar com mais afinco a natureza do ritual que Loidas havia realizado em Nove. Como um

tolo, presumira que aquilo fosse apenas alguma bênção sem sentido. Porém, segundo Hesse, era muito mais do que isso. Era um feitiço de proteção que garantia imunidade total a todas as crianças. Todas, exceto Um.

A bênção dela era somente um elo para as outras. Ela não era imune. Quando ela morresse, Dois estaria vulnerável. Quando Dois morresse, Três estaria vulnerável. E assim por diante, em uma cadeia que conectava todos os preciosos jovens Gardes.

Nesses termos, não parecia mais bênção alguma. Mas sim uma maldição. E eu ficava enjoado só de pensar nisso.

Parei do lado de fora do galpão e olhei pela janela da nave. Tudo o que pude ver foram estrelas. Ainda tínhamos muitas galáxias a percorrer até chegarmos a nosso destino. Estávamos indo para a Terra. Um planeta longe da perfeição. Não era nada parecido com o que um dia foi Lorien.

Entretanto, mesmo com todas as terríveis histórias que ouvira sobre as desgraças da Terra, sobre a guerra, a fome e a poluição, eu estava ansioso para chegar, pelo menos um pouco. Ainda me lembrava da transmissão a que assisti na noite do Quarto Crescente, antes da atitude fatídica de pegar o bracelete de Daxin e escapar da Academia, e sabia que a Terra não podia ser *tão* ruim assim.

Adentrei o galpão e encontrei Nove me esperando no chão, de costas para a porta virtual. Adel, Cêpan Mentora de Sete, estava sentada em uma cadeira no canto. Ela seria nossa supervisora no treino de hoje.

— Oi, Adel — eu cumprimentei com um sorriso e um pequeno aceno. Ela acenou de volta.

Ao ouvir minha voz, Nove deu um pulo, girou e correu em minha direção, agarrando meus joelhos.

Com os olhinhos brilhantes, olhou para mim.

— Sandor? — Nove pronunciou meu nome de forma arrastada, sacudindo a cabeça para a frente e para trás. — Nós vamos brincar hoje?

Eu olhei para ele e sorri.

— Vamos, amigão — eu disse. — Nós vamos brincar hoje.

Sobre o autor



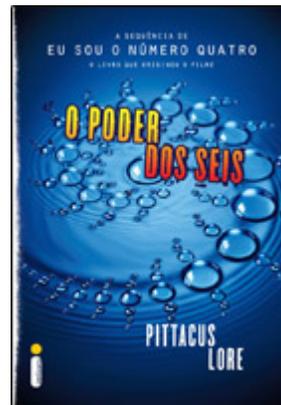
Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos nove loriens. Passou os últimos doze anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

Conheça os livros da série

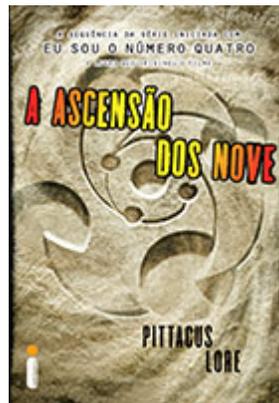
OS LEGADOS DE LORIEN



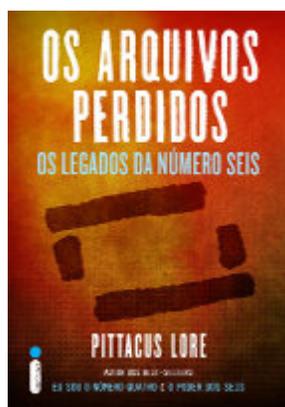
Eu sou o Número Quatro



O poder dos seis



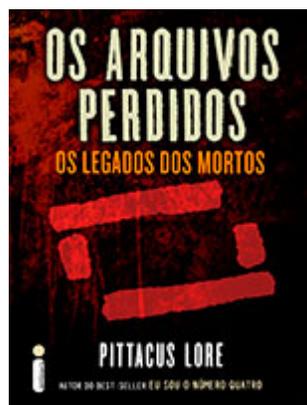
A ascensão dos nove



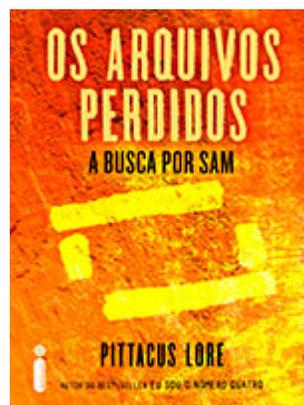
Os arquivos perdidos:
Os Legados
da Número Seis



Os arquivos perdidos:
Os Legados
do Número Nove



Os arquivos perdidos:
Os Legados
dos mortos



Os arquivos perdidos:
A busca
por Sam